GUSTAVO BARROSO

COMUNISMO CRISTIANISMO E CORPORATIVISMO

FANTAPPIE

EMPRESA EDITORA A.B.C. LIMITADA

UM LIVRO

que se afasta muito, pelo seu alto valor, do comum das publicações que se lançam, cada dia, mesmo as melhores e mais interessantes.

Não se vae fazer dele propaganda. Apenas se diz que o autor é **SANTO TOMÁS DE AQUINO**. Traduziu-o o Snr. **ARLINDO VEIGA DOS SANTOS**, bacharel em filosofia pela Faculdade de S. BENTO (S. Paulo), da qual é professor o **DR. LEONARDO VAN ACKER** que prefacia o trabalho.

"DO GOVERNO DOS PRINCIPES AO REI DE CIPRO"

e

"DO GOVERNO DOS JUDEUS A' DUQUEZA DE BRABANTE

é o livro publicado.

Vê-se, pelo que é autorisadamente afirmado, que é o livro que se estava esperando. **O livro do momento**. E ainda mais desperta interesse a ultima parte do trabalho, sobre a politica para com os judeus, a venda de empregos publiços, a questão dos impostos, etc., tudo de palpitante atualidade nacional ou internacional.

São cerca de 200 paginas que muito instruirão, e assim fazendo com real agrado. O sucesso que irá lograr, virá proclamar o acerto dessa publicação que faz a EDITORA **A B C**; continuando a sua tarefa de oferecer ao meio intelectual de nossa terra, livros que honrem a sua elevada e primorosa cultura.

Em Todas as Livrarias, Br. . . . . 5$000

COMUNISMO,
CRISTIANISMO E
CORPORATIVISMO

NIHIL OBSTAT

Rio 7/X/1937

Padre João Batista de Siqueira

IMPRIMATUR

Rio 7/X/1937

Mons. R. Costa Rego

V. G.

GUSTAVO BARROSO

•

COMUNISMO, CRISTIANISMO E CORPORATIVISMO

•

1 9 3 8



EMPRESA EDITORA A B C LIMITADA

CAIXA POSTAL 1.829 — RIO DE JANEIRO

L'état libéral établi sur le principe de l'autonomie individuelle, et se refusant en théorie a imposer des disciplines morales, mentales, doctrinales, se voit soudain confronté par le terrible probleme du conflit des passions humaines. Impuissant a guider les esprits par la persuasion, il est menacé d'une part de dissolution compléte; d'autre part, de renversement brutal. Il cherche un alibi ou un échappatoire.

Or, le communisme le lui offre. Par sa phraséologie des masses, le communisme se donne l'apparence d'une doctrine démocratique. Il renonce á la liberté, mais il impose l'égalité et, par ailleurs, il est l'engin le plus puissant, le plus efficace pour manipuler une opinion publique, d'abord par la pression, ensuite par la violence. Ainsi, tout en éprouvant un sentiment d'horreur, les masses libérales et les chefs du libéralisme sont attirés par cette solution qui leur fournit un moyen de sauver certains des élements de leurs doctrines originales, et de prolonger l'essor de la civilisation industrielle.

Une autre raison, plus profonde encore, mais moins noble sans doute et non moins décisive, entraîne les grandes démocraties liberales dans le sillage du communisme.

Depuis 1750, le mouvement démocratique et libéral est surtout fait de réclamations, de récriminations, d'indignations et de dénonciations.

Jamais les chefs du libéralisme mondial ne seraient arrivés a établir leur gouvernement sans l'appui des colères populaires. Et il est désormais prouvé que ces colères populaires ne se seraient jamais produites sans un stimulant que les littérateurs, les financiers et les apôtres de l'émancipation n'ont cessé de leur prodiguer. Cette croisade a précédé l'établissement des gouvernements libéraux. Elle a permis cet établissement, bien qu'elle ait rendu ensuite trés difficile le rôle de ces gouvernements. A l'heure oú ces gouvernements se sentent atteints, diminués et vacillants, hantés par les souvenirs de leurs brillants débuts, ils recherchent á nouveau á ranimer la foi démocratique par un retour aux méthodes anciennes. Mais tous les chefs des démocraties libérales, toutes les vieilles gardes démocratiques et libérales, sont aujourd'hui le seul endroit, le seul groupe, le seul parti ou brille encore cette flamme, ou cette colére soit encore sincére et cette haine étincelante, c'est le parti communiste. Il se trouve donc lui, un étranger, et en vérité, un vieil ennemi de la doctrine libérale, l'héritier des grands chefs libéraux et démocratiques. La Fayette eut hai Staline, comme Staline méprisé La Fayette, et pourtant Staline fait figure de successeur de La Fayette; et La Fayette, s'il vivait, s'éprendrait des discours de Staline".

(Professor Fay — "Les chances du communisme")

I

COMUNISMO

QUE E' EM VERDADE O COMUNISMO?

E' uma mistica materialista com sua doutrina e sua paixão. « A doutrina comunista — escreve o padre Ducatillon — não basta por si só para explicar plenamente o fenómeno comunista, do mêsmo modo que a doutrina cristã não basta por si só para explicar o fenómeno cristão. O comunismo é ainda, essencialmente, mais alguma cousa alem duma doutrina. E', por exemplo, um fenómeno de paixão, e um dos mais formidaveis, não somente de nossa época, porem, sem duvida, tambem da história. » Essa paixão é a paixão revolucionaria, cuja raiz vamos encontrar no fundo das idades, na rebeldia luciferiana: **non serviam!**

Extraordinariamente dinamico na sua ação prática, extraordinariamente simplista nas atraentes promessas que faz ás massas sofredoras, atiçadas pelos ressentimentos da injustiça social, o comunismo comporta elementos passionais de tão forte tensão que produzem uma força horrendamente tragica. Não é possivel

ser indiferente deante dêle: impõe-se a submissão ou o combate.

A sua base de operações é a Russia, onde conseguiu vencer e dominar na retaguarda da derrota pelo estrangeiro, aproveitando a desorganização de todas as forças nacionais e a velha tradição coletivista dos povos eslavos, expressa no **mir** e na repulsa á propriedade territorial. Seu motor infatigavel é o judaismo internacional na prossecução louca dum plano de dominio mundial sobre as ruinas da civilização cristã.

Que se entende por doutrina comunista?

Um sistema ideologico economico, social e politico, possuindo uma concepção propria da propriedade, do trabalho, da produção, da circulação de riquezas, das relações sociais, do Estado e da moral, que se basêa no "Manifesto do Partido Comunista" de Marx e Engels e no "Das Kapital" de Karl Marx, os quais sintetizam a filosofia do movimento, isto é, a sua maneira total de vêr, sentir e explicar o mundo e o homem. São estas explicações filosoficas definitivas que o comunismo procura em ponto diametralmente contrario ás da Filosofia Perene. Segundo Lenine, a filosofia comunista é o materialismo moderno como base teorica e o socialismo cientifico como aplicação pratica. A teoria é analitica, critica, revolucionaria; e pratica, tambem. Por isso explora todas as antinomias, todos os antagonismos, todas as

transformações sociais no sentido de virar pelo avêsso a sociedade, invertendo seu quadro de valores. Sua filosofia, sua ciência, sua economia, sua politica são meios de luta. Dai seu dinamismo incomum.

A doutrina comunista é una e rigorosa, não podendo ser contrariada nem modificada. « Sem teoria revolucionaria, é impossivel o movimento revolucionario », decreta Lenine. E o padre Ducatillon comenta: « A propria ação revolucionaria não póde deixar de estar submetida ás suas leis especiais e essenciais. Todo erro teorico, todo desvio teorico implica em erro e desvio da ação; e, inversamente, todo desvio de ação provém dum desvio da doutrina ». Eis porque Guttermann afirma, prefaciando a Karl Marx, a unidade da prática e da teoria como fórmula central do marxismo, o que equivale á mais rigorosa ortodoxia doutrinaria, geradora das grandes lutas e dissidios no seio dos comunistas. Gurian faz identica observação. O comunismo, capaz de todas as concessões, disfarces, conchavos e mentiras para atingir ao poder, não cede uma linha, no fundo, de seus principios fundamentais.

Marx e Engels

Essa doutrina é o fruto do liberalismo burguês, é uma creação de inteletuais judeus infiltrados na burguesia em fermentação após a Revolução Francesa, é o resultado logico da Liberal-Democracia. Seus pontifices são Marx

e Engels. Lenine reconhece a subordinação do proletariado á influencia burguêsa dos inteletuais. Melhor diria dos inteletuais judeus. Marx era o judeu Mardoqueu, nascido em Tréves, na Renania, numa familia rabinica, filho dum advogado israelita que se convertera ao protestantismo por « oportunismo politico ». Engels nascera em Barmen, sendo seu pai um fabricante judeu. Ambos se infartaram com o hegelianismo que, então, dominava a Alemanha, filiando-se á corrente dos **jovens hegelianos,** isto é, daquêles que interpretavam a dialetica de Hegel, que era idealista, no sentido materialista e revolucionario. Em 1841, o livro judaico "A essencia do cristianismo", de Feuerbach, absolutamente materialista, consolidou o seu pensamento filosofico. Nasceram, então, os **feuerbachianos,** que estabeleceram a ligação entre o hegelianismo e o comunismo.

Na Alemanha, escrevendo na "Gazeta Renana", Marx foi um revolucionario burguês, porque a burguesia era a máquina destinada a quebrar a velha moldura social do feudalismo germanico. Expulso da Renania, o judeu agitador foi para Paris, onde se apresentou sob a pele de revolucionario proletario. Em um livro formidavel e raro sobre a historia secreta do bolchevismo, Salluste documentou á saciedade todas as tramas judaico-maçonicas da conspiração comunista contra o mundo cristão, na qual foi **magna pars** o judeu Caim Buckeburg, conhecido nas letras mundiais como o poeta Henri Heine. Em 1844, Marx e Engels

reuniam-se em Paris. Ambos elaboraram a doutrina comunista.

O proprio Engels confessa: « Não posso negar ter tomado certa parte independente antes e durante minha colaboração de quarenta anos com Marx, quanto á elaboração e desenvolvimento da teoria marxista. Porem a maioria das idéas norteadoras, fundamentais, especialmente no dominio economico e no historico, e sobretudo sua nitida e definitiva formulação são devidas a Marx. O que lhes dei, salvo certamente em alguns ramos especiais, Marx poderia ter dado sem mim. Mas o que Marx fez eu não o poderia fazer. »

Em 1848, quando foi lançado o famoso "Manifesto do partido comunista", a doutrina marxista estava plenamente formada: materialismo historico e expressão **soi disant** cientifica das tendencias proletarias, revolucionarias e comunistas. **Das Kapital** é muito posterior ao "Manifesto". O primeiro volume apareceu em 1867. O segundo e o terceiro vieram a lume pelos cuidados de Engels em 1885 e 1889, pois que Marx morreu em 1883. O quarto, contendo a teoria da mais-valia, deve-se a Kautsky, em 1889.

O materialismo comunista

Apesar do pregão dos doutrinadores comunistas de não poder o materialismo dialetico se tornar estatico, o fáto é que, após o desaparecimento de seus fundadores, a dou-

trina nunca mais deu um passo, combatendo seus cornacas toda e qualquer tentativa revisionista. A mêsma imobilidade do positivismo. E' o não reconhecimento da existencia de novos fátos. E' a falta absoluta de vida de todas as concepções materialistas. E o comunismo considera, doutrinariamente, o materialismo como "a expressão definitiva e superior da verdade ».

A origem de tudo, pois, para o comunista é a materia. Deus não existe. Tudo vem da materia; tudo retornará á materia. E êsse materialismo é tão completo, nitido e puro que condena como suspeitos de heresia todos os materialismos que o precederam. Chega mêsmo a pregar, tal qual o positivismo, um ideal de sacrificio e grandeza, dizendo-o mais puro do que aquêle que mira as recompensas da Eternidade, como nas páginas de Gide e de Barbusse. Não seria possivel a creação duma mistica no proletariado e nos inteletuais de certa classe sem êsse **trompe-l'oeil**, com que a igreja das Trevas, macaqueando a da Luz, tenta almas descuidadas. O que torna, na hora presente, o problema comunista mais grave do que parece, impossivel de ser resolvido pelas policias do liberalismo, precisando que lhe sejam opostas uma doutrina e uma mistica superiores.

A filosofia materialista do comunismo confunde a natureza com a materia, afirmando-a como elemento primordial da Creação. Não nega o espirito, mas o admite como uma função

especial e superior da materia, não podendo existir independentemente dela, sendo a sua energia em ação, mas determinado e condicionado por ela. Criticando Feuerbach, diz Engels: « Fóra da natureza e dos homens, nada existe e os entes superiores, creados pela nossa imaginação religiosa, não passam do reflexo fantastico de nosso proprio ser. »

A existencia dêsse espirito função da materia, florescencia da materia, é que, na filosofia comunista, dá ao homem sua superioridade sobre os outros seres e sobre certas forças da natureza. Essa concepção é tirada de Feuerbach, cujo materialismo afirma o homem no ápice da realidade do mundo, constituido em « objéto central da filosofia ». Por isso, Marx e Engels sempre se insurgiram contra as teorias simplesmente mecanistas, incapazes de crear a mistica de que precisavam para um movimento de massas. Marx chegou mêsmo a admitir a modificação das circunstancias pela interferencia do homem, embora condicionada pelo meio. E o comunismo ortodoxo combate o simples automatismo das leis economicas, negando a possibilidade das transformações sociais pela ação das leis economicas e afirmando a consciência de classe como factor revolucionario por excelencia.

Todavia, a doutrina comunista opõe á doutrina cristã tres postulados fundamentais:

1.º — Não existe espirito sem materia.

2.º — Não ha espirito substancial.

3.º — O espirito sái da materia e é homogeneo com ela. (1).

O objetivismo comunista

Do ponto de vista das relações entre o pensamento e a realidade objetiva, a doutrina comunista se declara radicalmente objetivista: o que vemos é a realidade, e as idéas não passam, na linguagem de "Das Kapital", do « mundo material transposto ao espirito humano e por êle traduzido. » Dai seu anti-agnosticismo e a sua declaração formal de ateismo. O comunismo, pois, repele a neutralidade positi. vista e o subjetivismo das filosofias idealistas Rompe com Hegel, materializando-lhe a dialetica através de Feuerbach. Sacrifica toda e qualquer concepção que tenha o menor laivo de idealismo, pois êsse não se póde conciliar com a realidade concreta dos fátos e de suas relações. Engels doutrina: « não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. » E' a recusa formal, **á priori,** de qualquer objéto de conhecimento que se não enquadre na ordem material. E' a negação absoluta e definitiva de qualquer laço que ligue a qualquer idéa religiosa. E' a incompatibilidade radical com o pensamento cristão na clara profundeza da sua Filosofia Perene. E' o combate ao idea-

---

(1) « Le Communisme et les Chrétiens », pg. 36.

lismo para matar o espiritualismo. E' o realismo limitado e vêsgo do temporal sem o realismo magnifico e profundo do espiritual.

A dialetica marxista

Da dialetica materialista do marxismo decorre toda a sua sociologia que tem uma feição nitidamente revolucionaria, tomando êste termo com a expressão propria que lhe é dada pelos comunistas. Essa dialetica é a da chamada **esquerda hegeliana,** que, na opinião de Engels, utilizou a dialetica de Hegel, transformando-a e pondo de lado o seu creador. A dialetica de Hegel é uma logica baseada na contradição, que contraria a logica baseada na identidade. Seu elemento vital é a contradição e o espirito sem esta não póde progredir. A logica da identidade afirma o ser. A da dialetica acha que a idéa do ser contém a do não-ser, sendo o movimento, o vir-a-ser, resultado da oposição daquelas duas idéas. Na primeira logica, se estabelecem certezas absolutas. Na segunda, se estabelece o relativismo dos movimentos. Isto aniquila toda e qualquer existencia de principios dogmaticos, passando a verdade do dominio estavel dos fátos para o terreno movediço do processo do conhecimento, tanto no dominio da filosofia — conclue Engels — como nos do conhecimento e da atividade pratica. Não existe, pois, a idéa absoluta, mas a idéa em eterno desenvolvimento, em eterno vir-a-ser.

Para Marx, êsse metodo de pensamento deve ser virado ao avêsso. Na propria definição de Engels, « a dialetica da idéa passou a ser unicamente o reflexo consciente do movimento dialetico do mundo real. » E o proprio Marx assegura: « Para mim, as idéas são simplesmente as cousas transpostas e traduzidas na cabeça dos homens. » O que equivale, conforme acentua um critico, á introdução da contradição no ámago da realidade, passando a realidade a ter somente uma existencia dinamica, inherente a si propria, contendo a propria causalidade. Assim, a lei organica do mundo é a revolução violenta e o proprio mundo se resume num complexo de processos, sem nada sagrado, estavel, definitivo, absoluto, mal passando por etapas rapidas de socego. O unico absoluto é o absoluto dessa doutrina.

E' êsse metodo que permite fugir ao antigo materialismo da materia inerte, impulsionada pela energia exterior, para cair no materialismo da materia em movimento, impulsionada por si propria. E o determinismo resultante é o determinismo vivo da luta de classes.

Entra-se aqui no aspéto social do comunismo marxista. Para êle não existe a Sociedade em geral, mas as Sociedades em seus varios tipos concretos. Assim, a sociologia marxista deixa de ser filosofica para se tornar, como dizem seus teoristas, puramente cientifica, materialista, quando afirma a primazia da economia, e revolucionaria, quando vê na luta

de classes a marcha fatal para a ditadura do proletariado, **corredor de passagem** para a sociedade sem classes e sem Estado.

A produção é, pois, a base por excelencia da sociedade. O homem é, por excelencia tambem, um mero produtor. Porque produz é que Marx o distingue dos animais. A atividade produtora, **suprema atividade do homen**, deu origem a tudo: ao pensamento creador, á linguagem articulada, ás formas sociais, aos ritos, ás usanças. Os progressos das técnicas são os verdadeiros progressos. Os do espirito ficam-lhes aquem. « Os individuos — escreve Marx — dependem das condições materiais da produção. » O padre Ducatillon comenta: « A atividade fundamental é, portanto, a produção economica. Todas as outras atividades do homem não somente supõem aquela, mas lhe são subordinadas e determinadas por ela, mêsmo as atividades mais espirituais, como as religiosas. E' que a atividade produtora material é a atividade real do homem, aquela em que e pela qual se afirma e realiza seu ser, enquanto que as outras dependem todas da consciência; ora, lembremo-nos que, para o materialismo, não é a consciência que determina o ser, porem o ser que determina a consciência. »

Tudo no mundo é produção, « fáto fundamental da existencia real do homem », base da vida dos individuos e da sociedade, que somente se constitue para que os homens possam produzir em condições mais favoraveis. A estrutura social, a base social, a essencia so-

cial é simplesmente o conjunto das relações de produção. O mais é secundario. Essas relações determinam no cérebro humano a creação das instituições juridicas, politicas e religiosas, a propria arte na multiplicidade de suas manifestações. A doutrina comunista chama a tudo isso superestruturas. Quando elas não correspondem mais á base-produção, dão-se as catastrofes sociais que mudam a face da história.

Karl Marx admitia que isso se processava de maneira fatal, independentemente da vontade dos homens. Por isso, êle denominava a evolução da sociedade para o comunismo « um processo de desenvolvimento natural », dependente de leis certas e imutaveis. Releva notar a incoerencia entre os metodos praticos do bolchevismo, querendo impôr a revolução mundial por meio de golpes técnicos, e o pensamento técnico do fundador do socialismo cientifico, que é como Lenine denomina o comunismo. Incoerencia flagrante!

O determinismo materialista

Estando todas as superestruturas sociais na dependencia das relações de produção e sendo essas relações determinadas, isto é, independentes da vontade dos homens, na propria expressão de Marx, o desenvolvimento real, objetivo da sociedade passa a ser, naturalmente, um fáto natural sujeito a leis naturais, no qual não intervem para modificá-lo nem

o livre-arbitrio do homem, nem a Providencia Divina. Esse é o determinismo materialista da história.

Resulta, pois, que o progresso é inegavel e iniludivel, muito embora as ideologias brotadas nas superestruturas sociais possam, por um choque de retorno, exercer certa influencia, retardando, acelerando ou modificando as relações de produção. Tanto assim que Engels declara revelar-se a história do desenvolvimento da sociedade **essencialmente** diversa do da natureza, porque nêsse campo atuam homens dotados de consciência, embora esta seja determinada pela materia. Não existe o acaso. Tudo está submetido a leis gerais. Ha um jogo de forças internas ocultas por trás dos motivos conscientes, porem, que não são propriamente determinadas e não estão submetidas ao determinismo. E' imprescindivel descobrir as leis naturais que regem essas forças.

A luta de classes

No seio do corpo social essas forças se embatem na chamada luta de classes, que é o dinamismo, o progresso, a essencia da sociedade. Isto decorre naturalmente do materialismo dialetico, que considera toda realidade como contradictoria, nascendo dos seus choques o progresso, a vida.

Ducatillon expõe desta fórma clara a luta de classes: « E' antes de tudo sob a fórma de classes que os homens se agrupam na pratica

de suas relações sociais. Todos os outros agrupamentos humanos, todas as outras funções sociais humanas (familia, profissão, pátria, religião, etc.) são secundarias em relação áquela. O laço de classe é o mais forte dos laços que ligam os homens. A classe é o elemento social primordial, porque as classes proveem diretamente da posição e do papel dos homens em relação á produção, que é a atividade humana primordial e o fundamento essencial da sociedade. As classes consistem numa divisão dos homens segundo o papel que exercem na produção. Essa diferença entre os homens em relação ao trabalho produtivo, que é a base da divisão em classes, não é qualquer uma sem importancia, porem exatissimamente a que provem do fáto de, na organização das relações de produção, certos homens utilizarem o trabalho dos outros em proveito proprio, apropriando-se dêle, explorando-o. A divisão em classes produz como resultado a divisão em exploradores e explorados, sendo a exploração do homem pelo homem a propria fonte da existencia das classes. »

Através da história dos povos, essa divisão em classes se apresenta de modos variados, cada qual carateristico duma epoca ou duma civilização. Senhores e escravos. Patricios e plebeus. Nobres e vilões. Burguêses e proletarios. A antinomia dialetica separa essas classes contrarias, creando entre elas hostilidade, luta, choques, odio. Uma classe só existe em virtude de seu antagonismo contra a outra.

Esbarram-se nos movimentos revolucionarios. E' impossivel harmonizá-las, equilibrá-las dentro da sociedade. Portanto, o comunismo quer que uma classe desapareça, afim de que a outra fique sozinha e livre. Daí a definição de Lenine de que o Estado comunista é a máquina destinada a esmagar uma classe por meio da outra.

Será êste o coroamento da luta de classes, cujo panorama pinta desta sorte o proprio "Manifesto comunista" de 1848: « Até nossos dias, a história de toda sociedade não foi mais do que a história da luta de classes. Homens livres e escravos, patricios e plebeus, barões e servos, mestres de corporações e companheiros, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, travaram guerra ininterrupta, ora aberta, ora dissimulada, guerra que acabava sempre por uma transformação revolucionaria da sociedade inteira ou pela destruição das duas classes em luta. »

A sociedade atual está separada em dois campos adversos, enquadrada sob duas bandeiras rivais. Dum lado, a burguesia; do outro, o proletariado. A divisão é um pouco simplista e os comunistas já falam em grande e pequena burguesia, etc. A transformação social se dará pelo choque entre as duas forças, devendo preponderar, vencer e aniquilar a outra o proletariado.

Por que?

O messianismo proletario

O messianismo judaico que o padre Lagrange estudou profundamente numa obra célebre transparece nessa concepção social. Tendo negado o Messias em Jesus-Cristo, Israel procura cegamente o Enviado prometido por Deus. Transpõe essa concepção para si proprio. Dizendo-se perseguido, humilhado e torturado, acha que êle é, coletivamente, o seu proprio Messias e terá por isso o dominio do Mundo, esquecido de que o Reino do Cristo não é dêste Mundo. Transpõe-na para o proletariado e acha que, depois de oprimido e espoliado, êle realizará a felicidade terrena, olvidado de que nada da terra vale em face do que está prometido no céu.

Destruindo a propriedade pelo açambarcamento e mil outras fórmas de espoliação, o capitalismo burguês (melhor seria judaico) aumenta e fortalece constantemente a classe proletaria. Como explora o trabalho alheio, deixa de produzir e passa a ser parasitario, perdendo a sua energia dinamica e deixando de ser a móla viva do corpo social para ser simples excrescencia destinada á morte. O proletariado, não, retempera as energias no sofrimento e se torna substancia e elemento vital por excelencia da sociedade. A burguesia agarra-se ás superestruturas que creou; o proletariado mina-as, conscio de sua missão regeneradora. Ele deitará abaixo as instituições que são o monumento da iniquidade social. Então, como diz

o "Manifesto" citado, « em lugar da antiga sociedade burguêsa, com suas classes e seus antagonismos de classe, terá surgido uma sociedade em que o livre desenvolvimento de cada um será a condição do livre desenvolvimento de todos. » Raiará para o mundo a **liberdade vermelha**...

O messianismo comunista persegue a realização dêsse fim, que tem de ser, fatalmente, a consequencia do progresso das forças produtoras: uma humanidade perfeita. Em cada esquina, um Newton ou um Galileu, como escreve o judeu Leon Braunstein, vulgo Trotsky. Engels anunciava proxima essa meta final: « Apropinquamo-nos agora a largos passos dum gráu de desenvolvimento da produção, em que a existencia das classes não somente deixou de ser uma necessidade, porem se tornou obstáculo positivo á produção. » Por isso, declara um critico: « Esse fim é fatal, tão fatal como uma conjuncção de astros. »

Para alcançá-lo o mais depressa possivel, o comunismo mobiliza as massas proletarias e todas as suas forças. Tudo o que até hoje tem ocorrido no mundo nada mais é do que a preparação da Revolução Proletaria Mundial.

A ditadura do proletariado

Essa Revolução destina-se a suprimir definitivamente o Estado, superestrutura juridico-politica com que a classe burguêsa mantém seu dominio sobre a classe proletaria.

Será, na realidade da expressão, a Anarquia, isto é, a ausencia de Governo. O mêsmo fim do positivismo: os homens governando-se por si. A raiz da concepção mergulha em Rousseau: todo homem deve ser seu proprio legislador e seu proprio pontifice. O Estado é o meio de controlar os antagonismos das classes creado pela classe mais forte, máquina do despotismo duma classe, diz Lenine.

Trata-se, pois, de tomar essa máquina e entregá-la ao proletariado. A ditadura dêste aniquilará a burguesia. Então, não havendo mais classes antagonicas e sim uma unica, o Estado desaparecerá por inutil, sendo recolhido, como preceitua Engels, ao museu. A sociedade se organizará economicamente na base de uma associação livre e igualitaria de produtores, sem necessidade de sanções estatais. Karl Marx é categorico nêsse ponto, definindo a Revolução como « supressão do Estado. »

Entre a conquista do Estado e sua extinção, medeará necessariamente um periodo de transição. Será o da Ditadura do Proletariado. Etapa indispensavel. Leiamos o "Manifesto": « Esboçando em largos traços as fases do desenvolvimento proletario, traçámos a história da guerra civil, mais ou menos latente, que mina a sociedade até o momento em que explodirá na revolução aberta e em que o proletariado fundará seu dominio, apeando a burguesia do poder... A primeira etapa na revolução operaria é a constituição do proletariado em classe dominadora, a conquista da democracia. O

proletariado servir-se-á de sua supremacia política para arrancar pouco e pouco todo o capital á burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado em classe dominante, e para aumentar o mais depressa possivel a quantidade das forças produtivas. »

Nas mãos do proletariado, o Estado não desaparece logo, portanto. Continua a ser instrumento de dominio duma classe sobre a outra. Muda somente de classe. A luta entre a nova classe dominadora e a outra atingirá o maior encarniçamento, preceitua Lenine. E' a primeira fase da Revolução vitoriosa. Na segunda, consumar-se-á lentamente a consumpção do Estado. O mundo entrará, assim, na Era Comunista.

A propriedade e o trabalho no comunismo

A questão da propriedade, na opinião dos grandes doutrinadores marxistas, é fundamental no comunismo, podendo-se dizer com Ducatillon que êle gravita inteiramente em torno dessa questão. Resolve-a pela supressão completa, definitiva da propriedade privada burguesa. Lenine escreve: « Toda a história escrita até nossos dias foi a da luta de classes, da mudança de dominio e das vitórias das classes sociais umas sobre as outras. E êsse estado de cousas continuará enquanto não desaparecerem as bases dessa luta de classes e da dominação de classe: — a propriedade privada e

a produção social anarquica. Os interesses do proletariado exigem a supressão dessas bases; portanto, é contra elas que deve ser dirigida a luta consciente de classes dos operarios organizados. »

A Revolução proletaria expropriará, pois, os bens, tornando-os coletivos através do Estado. Isto não quer dizer que o comunismo traga consigo a abolição de **toda a propriedade**. Por isso, dissemos acima que a supressão seria da **propriedade privada burguesa**. « Propriedade burguesa » é a expressão que emprega o "Manifesto" de 1848. O comunismo possue a sua concepção especial, propria, da propriedade. Marx, inspirando-se em Adão Smith e David Ricardo, acha que o trabalho é a unica fonte da riqueza, trabalho acumulado. O valor duma cousa deve ser medido pelo trabalho que custou. Segal declara: « Se para a produção dum par de botas se gastaram vinte horas de trabalho e para a dum quintal de trigo, quatro horas, o valor dum par de botas será cinco vezes maior do que o dum quintal de trigo. » Naturalmente êsse trabalho deve ser o trabalho necessario, exáto, sem retardamentos ou inabilidades.

O trabalho e só o trabalho dá o justo valor das cousas, não se levando em conta nem as necessidades, nem a maior ou menor utilidade, nem a raridade, nem as especializações. « O valor supremo é o valor-trabalho. »

E, na exposição dum critico eminente: « Demais, sendo o valor proveniente do tra-

balho humano simplesmente trabalho humano acumulado, quando se trocam quaisquer objétos, cujo valor promana unicamente do trabalho que conteem, essa troca não é só uma troca de objétos, de cousas, mas tambem uma troca de trabalho humano, portanto de atividade humana, de realidade humana, de substancia humana. E' o proprio homem que se troca sob a feição duma mercadoria. As relações entre objétos resumem-se, pois, afinal de contas, em relações entre homens... O comercio, economicamente entendido, consequencia do trabalho do homem, troca de trabalho acumulado em consequencia do trabalho e em vista do trabalho, é tambem a fórma fundamental da vida social, a expressão das relações de produção, base da sociedade. As trocas economicas são fundamentais, porque são a maneira por que se exercem as relações de produção fundamentais. E eis que chegamos á propria raiz da propriedade concebida pelo comunismo. »

A propriedade, por conseguinte, deve ser e é, na doutrina comunista, a fórma de propriedade que um individuo tem do seu trabalho, pois o fruto do trabalho retorna ao trabalhador, « **realmente**, organicamente, objetivamente, materialmente; independentemente de qualquer efeito de consciência, de qualquer ideologia, de qualquer convenção, de qualquer lei. Toda ideologia, toda convenção, toda lei, todo regulamento da propriedade, nisto como no resto, somente vem em segundo lugar, como uma superestrutura, e somente vale na

medida em que corresponde exatamente á base, á estrutura. Por outras palavras, as relações legais de propriedade só valem o que valem as relações reais de propriedade. Ha vicios todas as vezes que a coincidencia deixa de existir entre o trabalho e a propriedade, isto é, quando a propriedade é detida de modo diverso do de sua produção ou por outro que não o seu produtor. »

Essa é a propriedade que o comunismo denomia burguêsa e que abole de maneira absoluta. Vê-se que o comunismo não nega totalmente a propriedade, nega uma certa propriedade e pretende conservar uma outra, a da sua concepção, estatuindo para isso, no art. 9 da Constituição da U. R. S. S., a admissão das pequenas economias privadas de operarios e camponêses, « fundadas no trabalho pessoal », e, no art. 10, estendendo o direito de propriedade ás rendas dessas economias, á casa de morada, aos moveis e objétos de uso.

Assim, pretende o comunismo arrancar á propriedade seu caráter de classe. A propriedade dos meios de produção que se acha nas mãos de particulares, do pequeno numero de burguêses riquissimos, fábricas, terras, maquinismos, capitais, etc., passará para as mãos do Estado. Todos êsses meios são doutrinariamente considerados valores sociais de que certos individuos se apoderaram, explorando as massas. A propriedade se torna, pois, social, estendendo-e a todos os meios de produção, como diz

Engels. A propriedade individual, « fruto do labor individual », não deve ser atacada.

Essa doutrina é um sortilegio para atrair as massas irritadas, pela injustiça social. Elas se apoderarão, guiadas pelos inteletuais judeus, judaizados ou judaizantes, do Estado liberal, burguês, capitalista. Estes se tornarão, como na Russia, os ditadores em nome do proletariado escravizado a novos deuses e completarão a obra de arrazamento da sociedade cristã preparada pelo capitalismo judaico. O plano se revela na frase significativa de Kadmi-Cohen: « Trotsky e Rotschild marcam as oscilações extremas do pendulo judaico no mundo. »

De fáto, segundo Engels, o Estado comunista é distinto da massa proletaria. E' um organismo á parte. Manobram-no judeus e seus socios de empresa. Esse Estado passa a possuir todos os capitais e meios de produção. Cria-se, pois, como o reconhece o proprio Lenine, um capitalismo de Estado em substituição ao capitalismo de individuos e grupos. Razão de sobra tem, pois, Tristão de Ataide, quando afirma que « o comunismo é o capitalismo do proletariado, como o capitalismo foi o comunismo da burguesia. » **Both together**...

Comunismo e religião

Ha uma incompatibilidade absoluta entre o comunismo (1) e o cristianismo. Em 1843,

---

(1) Refere-se o autor ao Comunismo que acaba d explicar — Nota ao Censor.

Engels já declarava isso, o que repele qualquer dêsses ensaistas ou criticos apressados que ousam perceber parentescos ou afinidades entre ambos. A doutrina comunista opõe-se terminantemente á religião. A religião opõe-se terminantemente á doutrina comunista. Marx entende que a critica da religião se impõe precipuamente. Somente após a critica da religião se poderá fazer a critica da politica, do direito, da economia, etc. « A critica do céu — afirma, transforma-se em critica da terra. » Bem avisados andam os que, como Valdemar Gurian, enxergam no comunismo um fenomeno religioso.

Marx preceitua a abolição da religião para que, abandonando as ilusórias felicidades que ela promete, se conquiste a verdadeira felicidade. Para êle, a religião é a fórma por excelencia do idealismo, servindo para manter a opressão social. Dêsde o inicio de sua carreira filosofica Marx combatia a religião cristã. Strauss e Bauer, ambos judeus, tocavam a finados pelo cristianismo, que consideravam em agonia. A sua critica, porem, não satisfez ao judeu trevisano. Eles se limitaram ás representações religiosas. Ele penetrou na teologia, conquistado pelo materialismo feuerbachiano. E o ataque foi levado á essencia do cristianismo, tomando os comunistas posição no materialismo contra o idealismo e contra a religião, na qual, para êles, somente existe grosseira mistificação.

A negação absoluta de Deus, o ateismo

dinamico, destinado a arrancar do coração popular qualquer sobrevivencia de ordem religiosa, são as consequencias naturais dêsse ponto de vista filosofico. A religião, conforme afirmam, é o opio do povo. Não passa de mera projeção das condições economicas, meio de exploração do homem pelo homem. A luta de classes, trazendo uma nova fórma social, abolirá de vez a religião, que será recolhida ao museu, em companhia do Estado e de outras superestruturas que não teem mais razão de ser.

A luta anti-religiosa decorre naturalmente da luta de classes, pois que, segundo a doutrina comunista, só a burguesia tem interesse em crear e manter a religião. A propaganda do ateismo é, pois, fundamental.

Por isso, como diz Ducatillon: « Cristianismo ou comunismo. O grande drama espiritual do mundo, doravante, se representa entre êsses dois limites. Qual dos dois terá a vitória ? Que os cristãos decidam, porque êles são responsaveis pelo Cristo. »

E acrescentamos: os tempos são chegados: o Cristo se acha em face do Anti-Cristo. Temos de escolher. Temos de optar. Roma ou Moscou O Vaticano ou o Kremlim. Toda indefinição equivale a compactuar com o inimigo.

E' isso o que não querem compreender os indiferentes e os comodistas ou os interessados na manutenção do estado de cousas atual. Eles se indignam quando são suspeitados de co-

munismo, suspeita justissima, porquanto a sua indiferença e o seu comodismo são os melhores aliados do comunismo.

O Komintern

O comunismo age através do mundo por meio da Internacional Comunista, cujo nome foi abreviado na designação Komintern. E' êle que propaga dêsde o aparecimento da idéa comunista o seu materialismo cinico e o seu satanismo politico, destruidores da alma humana.

A Primeira Internacional Comunista foi organizada em 1864 sob a direção do proprio fundador do comunismo, o judeu Levi-Mardoqueu ou Karl Marx. Seu resultado foi a insurreição comunista de Paris em 1871, quando a França vencida e ocupada pelos prussianos. Esse golpe vermelho custou á pátria francêsa, por obra e graça de maçons, judeus e comunistas aliados na mêsma empresa infame, segundo a irrespondivel documentação de Max-André Fabre, VINTE MIL MORTOS, quando o Terror da Revolução de 1793 saira mais barato: doze mil somente!

E' a bandeira vermelha da Comuna de Paris que Lenine traz enrolada no corpo conservado no mausoleu do Kremlim. Escrevendo ao judeu Kugelmann, a 12 de abril de 1871, Marx julgava a Comuna: « o mais glorioso feito de nosso partido. »

Depois de 1871, processou-se constantemente a formação dos partidos socialistas em todas as nações até que, em 1889, se reuniu, em Paris, a Segunda Internacional Comunista. Dirigia-a no cargo de Secretario Geral o judeu Frederico Adler, filho de outro judeu Adler, que fundára a social-democracia na Austria. A Segunda Internacional, agrupando grande maioria de socialistas convictos, repeliu o extremismo doutrinario dos comunistas, separando-se dêles. Passou a ser unicamente socialista e estabeleceu sua séde em Bruxelas.

Os comunistas organizaram a Terceira Internacional. A luta entre ambas foi terrivel e durou longos anos. Agora, fizeram as pazes e formaram uma frente unica sob o conhecido rótulo de **anti-fascismo**....

A ala comunista do socialismo internacional chefiada por Lenine cindiu-se do Congresso Social Democrata de Londres, em 1903, e fundou a Terceira Internacional, cujos primeiros membros fôram os judeus: Axelrod, Zinoviev, Martov ou Zederbaum, Lapinski ou Loewinson, Karski, Hanetzcki ou Furstenberg, Radek ou Sobelsohn, Bronski, Dombrovski, Varski, Bracke e Katzlerovitch. Esse grupo, obediente a Lenine, andava errante e fugido até que, graças á cumplicidade alemã, conseguiu penetrar na Russia, onde destruiu o czarismo. De posse daquêle imperio, reuniu em março de 1919 a Terceira Internacional em Moscovo, sob a presidencia do judeu Radomyslskij com o pseudónimo de Zinoviev.

Em 1920, celebrou-se a segunda reunião da Terceira Internacional. Em 1921, a terceira. Em 1922, a quarta. Em 1924, a quinta. E, assim por deante.

Na primeira, estabeleceu-se a luta por meio de greves e rebeldias, auxiliada pelos agentes dentro dos parlamentos burguêses. A segunda desenvolveu o processo de agitação revolucionaria no mundo inteiro, « a qualquer preço e de qualquer maneira ». A terceira continuou o mêsmo propósito, insistitindo na « necessidade de combinar a ação legal com a ilegal ». A quarta ocupou-se vivamente das greves em massa como um dos mais importantes meios da luta comunista. A quinta exigiu o aniquilamento do monopolio de armamentos da burguesia e sua concentração nas mãos do proletariado. Declarou ainda que as guerras nacionais e as revoluções nas colonias devem ser consideradas parte integrante da revolução mundial comunista.

O Imperialismo Vermelho

O Komintern é o orgão do Imperialismo Vermelho. A sexta reunião da Terceira Internacional, em 1928, assim o consagrou, aprovando-lhe os estatutos e o programa. A setima reunião, em 1935, considerou a U. R. S. S. « base da revolução mundial ». E' a Russia de Stalin que vai manejar êsse instrumento de imperialismo. O Komintern, máquina de intriga, organização e propaganda. O Exercito

Vermelho, máquina militar. Assim, o marxismo deixou cair a sua máscara de movimento proletario em busca da felicidade terrena para se apresentar o que é de verdade: organização diabolica para a conquista do dominio mundial pelos judeus.

O programa da Terceira Internacional declara na sua Introdução: « A Internacional Comunista constitue o unico poder internacional cujo programa é a ditadura do proletariado e que atua abertamente como organismo da revolução proletaria internacional ». O mêsmo pensamento de dominio internacional se desprende dos estatutos do Komintern. Já em 1919, quando se fundou a Terceira Internacional, Lenine declarara que ela era « o primeiro passo para o estabelecimento da Republica Sovietica Internacional e para o triunfo do comunismo no mundo inteiro. »

Para isso, segundo o "Pravda" de 9 de setembro de 1928: « guerra de morte ao mundo todo ». Na reunião de 1935, numa moção a Stalin, o Komintern declarou o ditador vermelho chefe da revolução mundial.

Essa revolução mundial produzirá necessariamente o triunfo do Imperialismo Vermelho, que é o Imperialismo de Israel, já preconizado e programado nos documentos judaicos de que são paradigma os famosos "Protocolos dos Sábios de Sião".

A Revolução Mundial

O processo empregado para conseguir a Revolução Mundial pelo Komintern é o seguinte: propaganda, agitações e greves nos paises liberais-democraticos; organizações subterraneas nos Estados fascistas; movimentos de libertação nos paises coloniais; agitação nos territorios limitrofes da U. R. S. S., afim de justificar intervenções armadas; terror coletivo nas regiões meio submetidas á U. R. S. S.; decomposição das instituições nacionais dos povos, da sua moral, da sua impe nsa; propagação destas teses: **anti-fascismo, anti-capitalismo, anti-nacionalismo, bolchevismo cultural,** amor **livre, liberdade de pensamento, defesa** da **democracia,** conforme a gente e o pais; frentes unicas liberais; organizações de fingido humanitarismo como o Socorro Vermelho, ligas auxiliares estudantis, artisticas, teatrais, etc.

A grande porta de passagem das massas para o bolchevismo é o chamado **anti-fascismo,** farizaicamente inventado pelo judeu Willy Munzenberg. A tática de combate da Terceira Internacional está a cargo de Dimitrov, o bulgaro, que a denomina do Cavalo de Troia, isto é, da entrada por traição na cidadela inimiga.

E' contra essa tática que o mundo cristão tem de se defender, espiritualizando-se, recristianizando-se nas pessôas e na ordem social.

●

II

CRISTIANISMO

O CRISTIANISMO

O Cristianismo, sendo espiritualista, afirmando que Deus creou o mundo do nada, é tanto anti-idealista quanto anti-materialista. Hegelianos e marxistas nada mais fazem do que reproduzir as idéas das seitas e filosofias de todo o tempo condenadas pela Igreja. O erro idealista é crer numa só realidade: a idéa. O erro materialista é crer numa só realidade: a materia. O Cristianismo tem o senso profundo da realidade espiritual: « No principio, era o Verbo »; e o senso profundo da realidade material: « E o Verbo se fez carne ». O idealismo, escreve um critico, absorve a materia no espirito; o materialismo absorve o espirito na materia. O pensamento cristão salva espirito e materia, hierarquizando-os, mantendo cada qual na sua justa relação reciproca, porem somente pela subordinação da materia ao espirito, porque a primazia pertence incontestavelmente a êste. »

Segundo a doutrina comunista, como vimos, a concepção dialetica do marxismo mostra que nada existe estático, conservado, tudo é movimento, transitoriedade, processo conti-

nuado de vir-a-ser. Mas isso a que conduz? A uma fase definitiva, perfeita, equilibrada da sociedade, a sociedade sem classes, sem luta de classes, em que morrerá a dialetica. Isto quer dizer que a Humanidade acha seu fim nela propria. Aqui o comunismo se encontra com o positivismo. Daí as simpatias dos positivistas pelos comunistas. Esse **estado perfeito** da humanidade deverá ser privado de qualquer contradição intima, o que vale como uma refutação pura e simples da propria doutrina marxista....

O comunismo basêa-se na produção, no fenómeno material, afim de atingir essa **abençoada anarquia**, como dizem alguns. O cristianismo não nega o valor da produção, mas não a considera a atividade principal ou suprema do homem. A economia é feita para o homem e não o homem para a economia, preceitua o doutor angelico. Em tudo, o homem espiritual, embora incarnado no homem material, deve predominar. E, assim, a Humanidade Cristã não póde encontrar seu fim nela propria e sim n'Aquêle que a gerou do Nada: Deus. O comunismo é antropocentrico. O cristianismo é teocentrico. Ontologicamente, teleologicamente, escatologicamente, as duas doutrinas estão diametralmente opostas. Eis porque não é possivel, conforme acentúa o Santo Padre, a colaboração **em campo algum** do cristianismo com o comunismo, nem diréta, nem indiréta, através dos partidos politicos.

Em lugar da dialetica materialista, ge-

rando o determinismo historico da luta de classes, que o comunismo apregôa, o cristianismo afirma o poder de interferencia do espirito como agente de todas as transformações sociais. Antes de se reunirem em classes, os homens, pela liberdade de suas pessôas, que se projetam no tempo e no espaço, se agrupam socialmente na familia, na profissão, no municipio e na pátria. Essas fórmas grupalistas atenuam as lutas internas da sociedade, conseguem uma harmonia relativa. O comunismo é utopico: afirma uma estabilidade social definitiva. O cristianismo é realista: sabe que essa perfeição é inatingivel na Cidade de Cesar de modo completo, porem que o nosso esforço, o nosso sacrificio, a nossa virtude para atingir a perfeição nos levarão, na Vida Eterna, á Cidade de Deus.

Tanto o comunismo como o positivismo, gerados ambos pelo liberalismo, são meras utopias que se fingem de realidades cientificas. O cristianismo é absolutamente realista. Ele não diz com Hobbes que o homem é essencialmente máu, nem, com Rousseau, que é essencialmente bom; mas vê que é capaz de sublimar-se pelo espirito e de encharcar-se no lôdo pela materia. Para êle, a salvação não é possivel sem o mediador, a Graça. Em tudo, um terceiro elemento recompõe os equilibrios. Na sociedade, o Estado-Arbitro. Por isso, não prega o desaparecimento do Estado depois de sua hipertrofia totalitaria na Ditadura Cientifica ou na Ditadura Proletaria; mas pretende dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é

de Deus. Disso resulta a estrutura corporativa, integral do Estado Cristão.

Compreende-se aqui a doutrina de Plinio Salgado: o Estado que vem do Cristo, inspira-se no Cristo, age por Cristo e vai para Cristo.

No cristianismo, o problema da propriedade não é fundamental como no comunismo e no capitalismo, pois que os valores materiais estão subordinados, no seu pensamento doutrinario, aos valores espirituais. Repitamos a voz de São Mateus: « Quid enim prodest homini si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur? » De que serve ao homem ganhar todo o mundo si perde a alma? Os tesouros do cristão, prossegue o evangelista, não se acumulam na terra e sim no céu, onde são duradouros e não passageiros ou sujeitos até ao roubo, onde são permanentes e não transitorios como tudo á face da terra.

O cristianismo, no entanto, defende claramente a propriedade privada, **licita.** Aceita-a de maneira realista, conhecendo a natureza humana e as condições de existencia dos homens. Na doutrina cristã, o direito de propriedade implica deveres correlativos. Dêsde que a propriedade ultrapassa aquilo de que o homem precisa para viver com dignidade e conforto, ao proprietario incumbe fazer reverter os excedentes e superfluos á comunidade. Isso está no Evangelho. S.S. Pio XI deixa êste ponto bem claro na Enciclica "Quadragesimo anno", bem como a necessidade de reservar á coletividade certas categorias de

bens que, nas mãos de particulares, se tornam fontes de opressão e de perigos para o bem geral.

Leiam-se as enciclicas de Pio IX e de Leão XIII, e se verificará que a Igreja respeita nos seus justos limites, alem da propriedade privada, até a propriedade do superfluo e do proprio capital, dêsde que não haja abuso. Entretanto, o proprio abuso não destrói **o direito da propriedade em si.** Corrijam-se os abusos e deixe-se de pé o direito fundamental. « O egoismo do proprietario, doutrina Rutten, não confere aos particulares o direito de confisco, porque o direito de propriedade não fica prescrito pelo abuso que dêle se faça. Mas isso não quer dizer que a autoridade publica permita o abuso. »

Portanto, no cristianismo, ha uma limitação moral no direito de propriedade, que se póde resumir **na ética da obtenção e na ética da fruição.** E tanto o capitalismo como o comunismo são condenados por destruirem a propriedade: o primeiro concentrando-a amoralmente em poucas mãos, o segundo concentrando-a nas mãos do Estado. Nêsse ponto, como em muitos outros, o comunismo nada mais faz do que completar a obra nefasta do capitalismo. Lenine tem toda a razão, quando escreve que o capitalismo « tende ao fim que os socialistas lhe apontaram ». Ora, o capitalismo é o resultado do sistema liberal, como assinala admiravelmente o professor francês Fay em um trabalho notabilissmo "Les chan-

ces du communisme". O sistema liberal estabeleceu o principio da autonomia individual, declarando-se agnóstico, isto é, indiferente em materia de disciplina moral, doutrinaria, religiosa. Dessa falta de freios resultou o desencadeamento de todos os egoismos individualistas, de todas as paixões humanas. E, não estando a economia limitada por nenhuma moral, somente se pensou em « produzir o mais possivel e vender o mais possivel », para ganhar o mais possivel. O mundo, então, chegou ao ponto a que chegou. Por isso, nas suas luminosas Enciclicas, o Santo Padre condena o liberalismo como o caminho do comunismo, de acôrdo com o que o proprio Lenine afirma.

Abismo profundo separa o conceito cristão da propriedade do conceito comunista. Isso mostra, doutrinariamente, quanto erro se concentra no pensamento dum pseudo **comunismo cristão** e como é impossivel a politica da **main tendue.** Santo Tomás de Aquino define a propriedade como o direito de usar ou fruir as cousas, as utilidades, na medida de suas possibilidades: **quantum ad potestatem utendi ipsis.** E' moralmente, pelo trabalho e pela poupança, que se adquire a propriedade cristã. O fruto do trabalho, diz Leão XIII, pertence justamente ao trabalhador. No comunismo, a atividade essencial do homem é a produção de bens materiais; no cristianismo, é a produção de bens espirituais. Esse abismo que os divide é intransponivel, porque compreende

a propria conceituação do homem. E' impossivel qualquer colaboração entre ambos.

A descristianização do mundo liberal levou ao seu mais alto ponto o espirito de egoismo, o espirito individualista do liberalismo economico resultante do liberalismo politico, ambos consequencias do liberalismo filosofico que estabeleceu o primado dos **direitos do homem** sobre os direitos da sociedade. Sua consequencia fatal é o inverso: o estabelecimento do primado dos direitos da coletividade sobre os direitos do homem. Em ambos os casos, nada de estabelecer deveres para o homem e deveres para a sociedade. Na doutrina da Igreja, se traçam as justas limitações aos direitos individuais e aos direitos sociais, estabelecendo-se os deveres relativos, isto é, a hierarquia e a disciplina. Eis porque o cristianismo é naturalmente corporativista.

Ao liberalismo, indiferente em materia religiosa, agnóstico, critico, por isso mêsmo, da teologia, sucede, naturalmente, o comunismo que transforma, como enscreve Marx, « a critica do céu em critica da terra... a critica da teologia em critica da politica ». A propósito conclue o padre Ducattillon: « Expondo a critica marxista da religião, acabaremos de desenhar a fisionomia doutrinaria do comunismo nos seus traços essenciais, vendo tambem sua **absoluta incompatibilidade** com o cristianismo ».

Qual é essa critica que faz parte integrante da doutrina comunista? A seguinte: o comu-

nismo considera a religião como uma fórma culminante do idealismo, condenando-a como condena todo idealismo, dêsde que só reconhece uma realidade: a materia. Essa fórma idealista serve unicamente para que a classe burguêsa dela se sirva oprimindo a classe operaria. Acreditando o operario nas compensações de outra vida e numa justiça divina, baixa a cabeça resignado e não se lança, cheio de odio, á conquista do poder. Assim, o comunismo condena a religião e nega Deus.

Toda essa critica marxista á religião é eminentemente judaica. Ela se radica nas obras de tres judeus: Strauss, Bauer e Feuerbach. Nela poreja o velho odio farisaico a Jesus Cristo. E' a continuação da gritaria da populaça excitada pelos mutinos no pretorio de Jerusalem: — Crucificai-o! Crucificai-o! Cada uma dessas criticas é uma nova Paixão e Morte de Nosso Senhor. São os novos hereticos, os novos docetas, os novos maniqueus. E toda essa critica da religião se « inspirava no postulado que se devia tornar o **leit motiv** do materialismo comunista: não é a consciência, a idéa, que determina o ser, mas o ser, a realidade, que determina a consciência ».

Resultado: o ateismo. O Comunismo (1) é ateu e, assim, o denomina o Santo Padre. Daí, logicamente, a luta anti-religiosa, a propaganda do ateismo, a multiplicação dos sem-

---

(1) Refere-se ao Comunismo no sentido explicado pelo autor. — Nota do Censor.

Deus. Da propaganda á perseguição a distancia é pequena. Do ateismo filosofico á religião do ateismo, á religião da materia, não é longo o caminho a ser percorrido. Por isso, indaga um escritor católico: « Sob o disfarce do ateismo e do materialismo, não será um grande **fenómeno religioso** que hoje se desenvolve na Russia? » A indagação tem brotado de outros lábios ansiosos. E' possivel que sim, que estejamos em presença de nova religião, a Religião do Odio, do Ranger de Dentes, da Mentira, das Trevas contra a Religião da Caridade, da Verdade e da Luz.

III

CORPORATIVISMO

O CORPORATIVISMO NA FRANÇA

O Corporativismo na França ainda não passou, infelizmente, de projétos e tentativas. Embora se conserve no periodo simplesmente doutrinario, é um tanto confuso e dividido.

Fontes do corporativismo francês

A principal fonte do corporativismo francês é, sem duvida, a velha tradição corporativa, monarquica e cristã da Nação, em que a liberdade serve de base á propriedade.

Forças espirituais do corporativismo francês

Duas grandes forças espirituais iluminam o corporativismo francês: cristianismo e regalismo. Eis o que diz a propósito o visconde de La Tour du Pin, precursor do corporativismo francês: « A França possue no seu seio, na sua raça, os elementos da principal e mais essencial das instituições politicas — a monarquia — que tantos outros povos são obrigados a buscar fóra de seu âmbito. »

Essa monarquia, como sabem os que conhecem a história, foi sempre a monarquia cristianissima do Rei Cristianissimo.

Principios do corporativismo francês

1.º A Corporação deve ser uma associação de produtores limitada a um ramo da produção e tendo por fim e por função, segundo declara o proprio conde de Paris no seu livro "Essai sur le gouvernement de demain", gerir os grandes interesses do ramo de produção respectivo, estudar e resolver em comum os problemas postos em equação pela vida dessa produção.

2º) E' a reunião, para êsse fim, de todos os operarios, empregados e patrões dos oficios, industrias e profissões que fazem parte do mêsmo ramo de produção ou a êle se ligam.

3º) A organização corporativa tem como unidade economica a produção interessada, como unidade organica a corporação e como unidade geografica a região.

4º) Os operarios e patrões em gráu algum ou em circunstancia alguma devem estar em oposição.

5º) A organização corporativa deve compreender pelo menos tres gráus hierarquizados: a Empresa, a Corporação e o Conselho Nacional das Corporações. A Empresa é a célula fundamental.

6º) A Corporação regula todas as questões sociais e economicas da produção.

7º) A Corporação tem duplo papel: social suprimindo a luta de classes; economico, regulamentando a produção.

8º) A Ordem Corporativa deve fazer par-

te dum sistema completo da Sociedade e do Estado.

9º) A Corporação deve administrar-se por si mêsma.

Critica do corporativismo francês

A critica do corporativismo francês não póde ser feita sem o conhecimento da seguinte página de La Tour du Pin, que foi um de seus mais brilhantes precursores, tendo escrito no começo dêste século seu magnifico e justamente famoso livro: "Vers un ordre social chrétien", depois de haver mostrado que a monarquia é, em França, o primeiro elemento de sua constituição nacional: « Parece que a França não possue mais o segundo elemento essencial dessa constituição que Le Play resumia na fórmula: « A democracia na Comuna, a aristocracia na Provincia, a monarquia no Estado. » Sem duvida, a aristocracia feudal desapareceu ha séculos e a nobreza militar que nunca formou um corpo politico foi paga de seus serviços pelas honrarias transmitidas até seus descendentes que nada mais teem a pretender. Portanto devemos procurar de outro modo os elementos duma formação que desempenhe em relação ao poder real o papel moderador exercido outróra pelos Parlamentos ou Estados provinciais. Esses elementos duma aristocracia moderna existem certamente, porque toda sociedade civilizada está de posse ou tem em gestação uma aristocracia de fáto. Aliás, é

mêsmo êsse impulso para a ascensão social que é a mola principal da civilização. Ora, não existe ascensão social mais legitima e mais util ao bem comum do que a que se produz sem arrancar os individuos á sua classe respectiva, isto é, elevando-os ao papel de sumidades de sua propria profissão. Simplesmente é necessario que essa posição seja nela consagrada publicamente pelo sufragio dos associados, constituindo como que uma magistratura. Assim, ao regime corporativo, alargado a todas as profissões e compreendendo todos os corpos constituidos, é que pediremos o elemento eminente da representação nacional. »

Esse é que é, no fundo, o espirito que nortêa e informa os quadros duma organização profissional verdadeiramente humana e digna dos esforços necessarios para ser instituida. Uma organização profissional que tivesse como unico escôpo conceder ao proletariado, sem o contrapeso de qualquer dever, as reivindicações que reclama, e aos patrões uma regulamentação economica que os ponha ao abrigo dos percalços da concurrencia não valeria as transformações um tanto violentas que motivassem o seu estabelecimento. »

As palavras e idéas corporativistas, depois das obras de Le Play, La Tour du Pin e Charles Maurras, teem estado em voga, constantemente, na França. Elas brotaram das tradições monarquicas e corporativas da Nação; mas a demagogia politica, cultivando o diletantismo e a leviandade inteletual, bem

como o gosto das indefinições, acabou por inutilizar varios programas, resultando disso uma grande confusão em materia de corporativismo e de sindicalismo. Para tanto contribuiram tambem em grande escala as forças interessadas na manutenção da atual estrutura social que divide os homens para melhor escravizá-los, as quais envidam os maiores esforços no sentido de comprometer a palavra corporação e desmoralizar a idéa corporativa, chegando a Confederação Geral do Trabalho, organização judaica-maçonica-comunista, ao cumulo da impudencia, quando se apropria daquela palavra.

O Corporativismo francês sofreu desta sorte um verdadeiro trabalho de deformação, tendente a transformar uma idéa forte e fecunda em simples teoria desmoralizada. Eis porque grassa na França um sindicalismo, disfarçado ás vezes sob o nome de corporativismo, marxista de origem e de essencia, introduzindo o espirito da luta de classes, nos operarios com a **conquista social,** nos patrões com a **defesa social,** consagrado oficialmente pelos famosos acordos Matignon.

Organização do Corporativismo Francês

Segundo a doutrina corporativa francêsa, a organização das corporações cifra-se ao esquema seguinte:

1º gráu: Empresa: Conselhos de Empresa, regulando questões e aplicando regulamentos.

2º gráu: Corporação, regulando:

Contratos Coletivos variando regionalmente.
Disciplina corporativa.
Arbitragem nos conflitos.
Técnicas e aprendizagem.
Gestão dos bens coletivos.

3º gráu: Conselho Nacional das Corporações, regulando:
Aplicação das leis gerais do Trabalho.
Arbitragem nos conflitos inter-corporativos.
Regulamentação da produção.

Realização do Corporativismo Francês

Até o momento presente o Corporativismo não conseguiu passar do terreno ideologico. As circunstancias horriveis em que se debate a França, presa da maçonaria e do judaismo, não permitiam a objetivação da doutrina corporativa. No seu "Essai sur le gouvernement de demain", o conde de Paris traça os lineamentos principais dessa objetivação. E' como que um éco da voz da antiga e gloriosa monarquia corporativa da França Imortal acordando no fundo dos séculos as energias misteriosas da Tradição Nacional.

●

O CORPORATIVISMO NA ITALIA

As Corporações italianas fôram as primeiras organizações anti-marxistas do Trabalho, de envergadura nacional, que o mundo moderno viu surgir da confusão enlameada do liberalismo democratico. Todavia elas não apresentaram logo os caractéres de verdadeira corporações, no bom sentido doutrinario da palavra. O fascismo foi uma reação apressada contra o comunismo que pouco a pouco preparou sua doutrina por não ter tido tempo de arquitetá-la **á priori**. As corporações italianas doutrinariamente se ressentiram disso.

Fontes do corporativismo italiano

As Corporações Fascistas, instituidas em fins de 1934, no ano XIII da **era fascista**, oito anos após a promulgação da Carta Italiana do Trabalho, opõem, segundo as proprias expressões do "Manifesto Corporativo", ao materialismo de Karl Marx « uma concepção heroica da vida, na qual a vontade do homem constitue o factor determinante da história ». Elas se erguem, como afirma o proprio Mussolini no artigo **Corporação** da "Enciclopédia

Italiana", contra o principio « que faz da luta de classes o factor preponderante das transformações sociais ».

As duas fontes principais do Corporativismo italiano são o socialismo e o nacionalismo, resultando destas necessidades:

1ª) cessação do antagonismo marxista proletariado-patronato, não só porque prejudica e altera a dignidade humana do trabalho, mas principalmente **porque arruina afinal** o Estado;

2ª) incorporação ao Estado das massas trabalhadoras, cujos elementos constitutivos fornecem o cimento e os materiais essenciais á construção do regime fascista.

Forças espirituais do corporativismo italiano

O Corporativismo italiano se alicerça na grandeza do nacionalismo e na propria grandeza do ser humano, muito embora traga de suas origens socialistas e de sua natureza democratica sua pesada expressão totalitaria. Exalta-a, porem, perpetuamente, para ideais espiritualistas que lhe assopram dia a dia uma nova vitalidade. A concepção heroica da vida é a sua maior força espiritual, aquela que lhe dá maior coeficiente de dinamismo.

Principios do corporativismo italiano

As Corporações italianas são totalitarias tanto por tendencia doutrinaria quanto pelo proprio interesse politico do regime. Esse tota-

litarismo é natural e necessario. Natural pelas suas origens. Necessario pelos seus fins. Ele satisfaz, ao mêsmo tempo, as inclinações socialistas não de todo sopitadas do seu fundador e as imperiosas necessidades da nova deusa creada — a Nação.

Critica do corporativismo italiano

Sente-se que a organização corporativa italiana é como que a organização em tempo de paz duma economia de guerra, parecendo como que uma mobilização social completa em proveito do Estado e de suas empresas. O regime totalitario afirma-se nela de maneira clara e incisiva. Basta ler o que diz seu proprio estatuto fundamental: « A Carta Fascista do Trabalho reconhece a iniciativa privada, porem como sendo o mais util e eficaz instrumento da prosperidade economica, **no interesse da Nação** ». Isto significa que o fascismo não reconhece a iniciativa privada, tanto que, na sua Carta, ela deixa de ser uma liberdade para se tornar simples meio de realizar o interesse da Nação.

« A intervenção do Estado na produção, diz ainda a mêsma Carta, só se realiza quando falha a iniciativa privada, quando é insuficiente, ou quando o exige o interesse politico do Estado. Essa intervenção reveste a fórma de **auxilio, controlo** ou **gestão diréta** ». Ora, como praticamente a iniciativa privada é sempre julgada insuficiente e sobretudo como sem-

pre o exige o interesse politico do Estado, o que se radica nas tendencias de caráter socialista, resulta que a economia e a sociedade fascistas dependem quasi totalmente da sua Carta de Trabalho.

Organização do corporativismo italiano

Segundo a lei de 30 de março de 1930, que instituiu o Conselho Nacional das Corporações, estas são « orgãos do Estado ». Em numero de 22, grupam-se em tres categorias: corporações do ciclo agricola; corporações do ciclo industrial e comercial; corporações do ciclo de atividades produtoras de serviços. Ao primeiro grupo pertencem:

1) cereais;
2) horticultura e pomicultura;
3) viticultura;
4) azeite;
5) açucar e beterraba;
6) zootecnia e pesca;
7) madeira;
8) plantas textis.

Ao segundo grupo pertencem:

9) metalurgia;
10) quimica;
11) roupas;
12) papel e imprensa;
13) edificação;
14) gas, agua, e eletricidade;
15) industrias extrativas;
16) vidros e ceramica.

Ao terceiro grupo pertencem:

17) previdencia e credito;
18) profissões liberais e artes;
19) marinha e aviação comerciais;
20) comunicações;
21) espetáculos;
22) hoteis e restaurantes.

Essas Corporações são **unidádes organicas** do sistema e não empresas constituidas por grupos de sindicatos. Elas conservam na sua base o antagonismo patronato-operariado. Somente o que limita os maleficios disso resultantes é a incorporação do conjunto no regime, com um sistema completo de **garantias civicas**, de modo tão completo que êsse antagonismo básico não se póde manifestar. Os quadros do regime ou, melhor, do partido fascista, fazem o papel duma camisola de força. Em caso de conflito, a arbitragem se exerce no seio do Conselho da Corporação por meio de tres representantes do partido fascista.

No cimo do edificio corporativo, um Conselho Nacional divide as 22 Corporações e êle proprio se subdivide em Secções. Essas Secções são: industria e artezanato; agricultura; comercio; transportes internos; transportes externos; credito; seguros. Conta ainda a Assembléa, a Junta Corporativa Central e as Comissões Permanentes Especiais. A presidencia do Conselho Nacional pertence de direito ao Chefe do Governo. As Comissões Especiais estudam as questões de ordem técnica e preparam a legislação da Assembléa. A Junta Corporativa é um orgão permanente de ligação

e execução. A Assembléa, enfim, consulta, regulamenta e representa as Corporações.

As realizações do corporativismo italiano

O corporativismo italiano estruturou a Nação, impedindo-a de tombar no precipicio comunista. A existencia de uma unica Corporação para cada categoria e o não reconhecimento da empresa como elemento corporativo, num só gráu, o gráu nacional, acusam a fórma totalitaria. A permanencia do dualismo de salariados e produtores, no seio dos sindicatos que compõem a Corporação, sobrevivencia marxista, se atenua no conjunto do sistema e desaparecerá á proporção que evolue a doutrina fascista. Emfim, o monopolio da arbitragem confiado aos delegados fascistas mostra o predominio do Partido sobre toda a organização. Todavia a divisão das categorias foi nitidamente concebida e realizada dentro do espirito verdadeiramente corporativo. O corporativismo italiano realizou em suma um sindicalismo de Estado, bem ordenado e atenuado. Não é, contudo, a melhor organização corporativa do Trabalho entre as existentes. Foi a primeira e prestou, como continua a prestar, os mais benemeritos serviços á civilização ocidental ameaçada pelas ondas vermelhas do comunismo judaico.

O CORPORATIVISMO NA ALEMANHA

Póde-se afirmar de modo geral que a economia alemã é uma economia de guerra, isto é, uma economia visando á guerra. Concebida com espirito guerreiro e como uma reação apressada contra o marxismo que se apoderava do país, suas disposições de ordem prática fôram tomadas de maneira que todos os recursos e atividades nacionais possam ser imediatamente aproveitados em caso de luta armada. As bases de sua organização corporativa fôram apressadamente lançadas sobre as ruinas ainda fumegantes da organização liberal-socialista-comunizante anterior pelo ditador da economia do Reich, creador do plano dos quatro anos, o general Goering.

Fontes do corporativismo alemão

Por trás dos bastidores do nacional-socialismo, em todas as suas manifestações, se sente bem vivo ainda o velho espirito gregario das antigas tribus germanicas. Essa é a fonte principal do corporativismo alemão. Juntem-se a isso todas as considerações de ordem verdadeiramente socialista aplicadas pelo partido hitle-

rista na sua propaganda demagogica para a conquista do poder.

Forças espirituais do corporativismo alemão

Todo o sistema corporativo alemão se inspira nas tradições da Raça Germanica. Os conceitos da pureza e grandeza da Raça animam e vivificam as creações do nazismo. A fé na excelencia da Raça é o sôpro de vida da moderna estruturação do Reich.

Principios do corporativismo alemão

Dois grandes principios informam a arquitetura do corporativismo alemão:

1º) Todos os alemães são membros de uma mêsma comunidade nacional **Deutschtum**, distinta de qualquer outra pela sua lingua, sua cultura, seu futuro e seu sangue.

2º) A autoridade dos chefes é o principio de todo governo, de toda disciplina, de toda hierarquia, de toda ordem. Portanto, a responsabilidade dos chefes, que é ilimitada, é a garantia da justiça e, consequentemente, da ordem.

Critica do corporativismo alemão

A Italia elaborou empiricamente uma nova doutrina do Trabalho. A Austria aplicou com hesitação e certa contrariedade a doutrina tradicional católica. Portugal realizou uma cons-

trução doutrinária quasi perfeita, teoricamente, com grande respeito pelas realidades e contingencias do século. A Alemanha lançou um regime economico e social ditado pelas prementes necessidades do momento, embora houvesse antes anunciado um programa definido, contendo verdadeira organização corporativa, na qual certas clausulas eram nitidamente de inspiração socialista. Assim, as realizações do hitlerismo depois de tomar o poder consistiram sobretudo em plasmar, na economia do Reich, operarios e produtores numa massa nova enquadrada no novo sistema.

Tanto teorica como praticamente, o operario e o produtor alemães são postos no âmbito profissional em condições semelhantes ás dos soldados mobilizados. Ambos, afinal de contas, não trabalham para si, mas para a Nação, para o Estado, para o Reich. Por isso, as leis que regem seu trabalho não são leis sociais, mas sim morais de caráter militar, tanto que erros e faltas profissionais são considerados « infracções á honra social ».

A concepção nazista do trabalho teve como consequencia fundar toda a organização profissional alemã numa base da mais pura ortodoxia corporativa, o que parece paradoxal. De fáto, a fusão de operarios e patrões no seio da célula inicial, a **comunidade de empresa**, é admiravel. Cada **comunidade** se constitue com o seu patrão ou empregador, chefe, empregados e trabalhadores da mêsma fábrica ou estabelecimento. O parágrafo 1° da Lei

de Organização do Trabalho de 27 de janeiro de 1934 declara a **comunidade** « una e homogénea, não havendo diferenças de natureza no espirito nacional socialista entre os diversos elementos que a compõem. Todos são verdadeiros funcionarios que trabalharão juntos, no sentido previsto pela empresa, para o bem comum da Nação e do Estado ». Semelhante clausula está de acôrdo com o mais puro espirito corporativo, na opinião de Rolland Pré, pois suprime pela raiz todo antagonismo entre o patronato e o proletariado.

E' preciso, contudo, não esquecer que não foi concebida com êsse espirito corporativo e sim com um espirito totalitario. Com efeito, ela não visa fundir no mêsmo molde patrões e assalariados no interesse da paz social ou mêsmo no da industria interessada nessa fusão; mas, por economia humana, quer evitar todo e qualquer risco de discordia, todo e qualquer germen de desacordo num sistema geral em que a disciplina e a homogeneidade são qualidades caracteristicas.

Organização do corporativismo alemão

A organização profissional alemã provem duma serie de leis e decretos, cujos principais são o de 10 de maio de 1933, completado pelo de 28 de novembro do mêsmo ano, sobre a associação "A Força pela Alegria", e sobre o Trabalho Nacional, de 27 de janeiro de 1834. Essas leis e decretos fôram promulgados de-

pois de o governo hilterista haver suprimido as antigas organizações sindicais da social-democracia.

Tratava-se, então, de crear a Corporação nacional-socialista prometida ás massas alemãs durante a campanha de ascensão ao poder. Na realidade, estrangulado, logo que assumiu o poder, por necessidades prementes, tanto externas como internas, o governo hitlerista teve de ceder á sua tendencia totalitaria, contentando-se pura e simplesmente em integrar a massa operaria na Frente do Trabalho, cujo principio geral se contem nesta declaração do Dr. Ley: « A economia, a fábrica e a oficina, fóra da concepção burguêsa da propriedade, pertencem ao conjunto de nosso povo e devem servi-lo. A máquina, o lugar onde se trabalha, pertencem tanto ao operario que dêles se serve para produzir, quanto ao patrão que possue sobre êles um titulo juridico burguês. »

A Frente do Trabalho foi, assim, organizada segundo notavel hierarquia sobre a base da comunidade de empresa, a cuja organização já nos reportámos. Certos membros do pessoal componente de cada comunidade formam o chamado Conselho de Confiança da empresa.

No gráu superior, encontram-se os Comissarios do Trabalho, em cada uma das treze circunscrições economicas. Membros do Partido Nazista são funcionarios do Estado, verdadeiros inspetores oficiais. São assistidos por um Conselho de Técnicos. Regulam os conflitos os tribunais do Trabalho.

Como organização geral, a Frente do Trabalho não engloba propriamente essas instituições. Mas, de fáto, controla todas as engrenagens, servindo de ligação entre elas e o Partido Nacional Socialista ou os organismos economicos, velando sobre seu funcionamento, suas decisões, a ortodoxia dos sentimentos que as inspiram, sobretudo tomando á sua conta a maior parte dos encargos sociais: obras de educação e orientação profissional, gestão dos fundos de solidariedade, etc.

Os Conselhos de Confiança que rodêam o patrão em cada empresa só podem ser formados por membros da Frente do Trabalho. A lista dêsses conselheiros, sujeita á ratificação do pessoal, é estabelecida pelo patrão de acôrdo com o representante local da Frente do Trabalho. Em resumo, a Frente do Trabalho, verdadeira emanação do Partido Nazista, desempenha na Alemanha papel análogo ao do Partido Fascista na Italia.

No plano profissional, a Frente do Trabalho agrupa 18 comunidades de empresas do Reich, que correspondem aos seguintes ramos da economia:

a) alimentação;
b) tecidos;
c) roupas·
d) construções;
e) madeira;
f) aço e metalurgia;
g) quimica;
h) imprensa;

i) papel;
j) transportes e empresas publicas;
k) minas;
l) bancos e seguros;
m) profissões liberais;
n) agricultura;
o) couro;
p) pedra e terra;
q) artezanato;
r) comercio.

Releva notar que, do ponto de vista economico, as diversas atividades industriais se repartem de outra maneira: um grupo da Industria do Reich, subdividido em sete grupos principais; um do Artezanato; um do Comercio; um dos Bancos; um dos Seguros; um da Energia. Verifica-se que a subdivisão da organização social é sempre maior do que a da economica. A economia tende naturalmente para as grandes concentrações, sendo contraria ás diferenciações.

Cada comunidade de empresa do Reich, análoga á Corporação nas organizações corporativas de outros paises, reune todas as comunidades de empresa locais do mêsmo ramo de produção. Algumas ainda se subdividem em **especializações.**

No plano geografico, a Frente do Trabalho divide-se em treze regiões, as quais se subdividem em organizações de distrito e de comuna, cada uma delas correspondendo ás organizações análogas do Partido.

No seio duma comunidade de empresa local se acham outros elementos constitutivos: as **células**, que se subdividem ainda em **blócos**, cujo numero varia de dois a seis por célula e que agrupam cada um de dez a vinte e cinco membros. Esses blócos são dirigidos por um **chefe de blóco**, o qual é sempre, de fáto, membro duma formação hitlerista e mais ou menos delegado dela.

Vê-se, pois, que a organização social do Trabalho na Alemanha é, na aparencia, assás indiferente ao objéto proprio de toda organização profissional, que é entregar aos interessados, patrões e operarios, o cuidado de regular suas relações de acôrdo com seus interesses reciprocos e com os de sua profissão. Essa organização tende, sobretudo, a assegurar o dominio da doutrina e das formações nazistas sobre as massas operarias e sobre os quadros patronais. Deixa, todavia, autonomia relativamente grande ás empresas, não tendo modificado o estado de cousas existente senão á medida das necessidades de defesa do novo Reich, o qual controla as tendencias do espirito profissional, dispondo dos pequenos agrupamentos em que se forma e vive uma mentalidade coletiva.

Na organização economica do hitlerismo, norteada pelos principios da economia dirigida, reina uma fórma atenuada de coletivismo. O regime dos carteis e outras concentrações de produção, dos quais a Alemanha após a guerra foi o paraiso, completou-se com o advento do Nacional-Socialismo. Toda empresa é obrigada

a fazer parte do grupo a que está afeta. Cada grupo é dirigido soberanamente pelo seu chefe que só é responsavel perante o proprio ministro da Economia do Reich.

As realizações do corporativismo alemão

Como o instinto gregario do povo alemão e o dominio da Frente do Trabalho, vasto quadro hitlerista imposto ás massas operarias, bastavam para garantir a paz social e a suprema direção do Partido, o Nacional Socialismo esforçou-se sobretudo no campo da economia em tornar esta **mobilizavel.** Essa organização atingiu a perfeição na agricultura e na alimentação.

Constituiram-se os orgãos encarregados de regular a vida economica do Reich, divididos em duas categorias:

1º) os Grupos do Reich e as Camaras Economicas que estudam, para cada ramo de produção, as questões de ordem geral que interessam a cada um dêles;

2º) os carteis e associações de produtores.

Os primeiros dêsses organismos, instituidos pela lei de 27 de novembro de 1934, que regulou a economia alemã, teem realmente caráter corporativo. Os outros não passam de uma sobrevivencia aceita, enquadrada e controlada dos grandes carteis de produção que regiam a atividade industrial alemã no tempo do liberalismo socializante e muito antes do advento do regime hitlerista.

Repartem-se da seguinte fórma os grandes Grupos do Reich:

a) Industria, subdividido em sete ramos principais: minas e metalurgia, construção de máquinas, materiais de construção, quimica, oleos e papel, tecidos, couros e peles;

b) Artezanato;

c) Bancos;

d) Seguros;

e) Energia.

Os tres ultimos fôram instituidos pela lei de 1934. O Grupo da Industria do Reich corresponde á antiga Federação Alemã da Industria, da qual conservou todos os quadros. O Grupo do Artezanato do Reich corresponde á antiga Organização do Artezanato, conservada sempre muito viva na Alemanha.

Todas as empresas fazem obrigatoriamente parte do grupo que respectivamente as concerne. Cada grupo é dirigido por um chefe, nomeado pelo ministro da Economia, verdadeiro alto-funcionario que dispõe de autoridade publica em relação ao seu grupo. « Todo chefe, declara a lei de 27 de novembro de 1934, deve dirigir seu grupo de conformidade com os principios do Estado Nacional-Socialista e tratar os negocios do grupo e de seus membros considerando o interesse geral da economia e o interesse do Estado. »

Os diversos agrupamentos profissionais incorporados em cada Grupo do Reich teem capacidade juridica. Seus quadros dependem do chefe do grupo. Em cada região, os agrupa-

mentos formam, por meio de seus representantes, Cámaras Economicas que exprimem o conjunto da atividade economica. No cume da hierarquia, toda atividade industrial e comercial alemã está representada na Camara Economica do Reich, vasta assembléa que reune, ao mêsmo tempo, os representantes dos Grupos do Reich, dos grupos principais da industria e das Cámaras Economicas Regionais.

Em todos os gráus, êsses varios organismos teem funções administrativas e de legislação interna. Regulam todas as questões relativas aos diferentes ramos de produção. Somente lhes escapam a regulamentação geral da produção e o estabelecimento dos preços. Essas questões competem aos carteis.

Carteis e associações de produtores são as grandes engrenagens da atividade economica alemã. Seu caráter dinamico tornam-nos os propulsores economicos da Nação. A lei de 15 de julho de 1933 autoriza o Ministro da Economia a reunir todas as empresas dum mêsmo ramo de produção num cartel encarregado de regulamentar o mercado. Assim, a regulamentação da produção se exerce sob o controlo do Estado, o qual tende a se tornar cada vez mais rigoroso. Creou-se em 1933 um Tribunal de Carteis que julga as apelações contra as decisões oficiais, podendo anulá-las. Antes dêle, pronunciam-se os chamados Tribunais de Honra. E' o orgão encarregado de fazer respeitar a liberdade do comercio. O plano de quatro anos mostrou os resultados dessa

organização economica, verificando-se por êle até aonde podiam ir o poder de controlo e a propria iniciativa do governo na regulamentação da economia alemã.

A mais bela realização da reforma hitlerista é, sem a menor sombra de duvida, a organização da agricultura. Depois da guerra, a agricultura lutava na Alemanha com as mais terriveis dificuldades oriundas dos desequilibrios e insuficiencias provocados pelas crises successivas. Tres mêses após seu advento, o regime hitlerista promulgou duas leis fundando o Estado Agricola Alemão. Por essa organização, o agricultor foi instalado e protegido contra os exploradores da agricultura. Estabeleceu-se a proteção da propriedade, restabelecendo-se o direito de primogenitura e distribuindo terras aos agricultores pobres, ao mêsmo tempo que o Estado controlava completamente a produção dos campos, num vasto sistema que abraça da terra ao escritorio de venda e desce das altas esferas ao simples trabalhador rural. Denomina-se a êsse sistema o Reichnahrstand.

Ele compreende os meios agrarios com todas as suas organizações proprias, cooperativas, associações, etc., o comercio em grosso e a retalho dos produtos agricolas, as industrias de transformação dêsses mêsmos produtos e, emfim, os **agrupamentos de mercados,** que correspondem na agricultura aos carteis da industria. Nota-se que é a mêsma organização do trabalho, porem melhor diferenciada e melhor definida: dum lado, uma organização so-

cial, de caráter administrativo e para-militar, hierarquizada, praticamente incorporada aos quadros do Partido, com o seu Reichsbauerfuhrer, chefe dos camponêses do Reich, e seu estado-maior, os serviços administrativos, os 19 circulos de camponios, cada qual com seu chefe e seus serviços, mas sem estado-maior, e, afinal, os 514 circulos de camponios distritais, agrupando os camponêses de cada comuna e as diversas explorações agricolas; do outro lado, uma organização economica reunindo com as secções especializadas dos varios circulos de camponios todos os oficios relativos á venda e transformação dos produtos agricolas.

O Chefe dos Camponêses do Reich, nomeado pelo Chanceler, desempenha as funções de ministro da Agricultura e da Alimentação. Ele é a cabeça dum sistema que regulamenta a produção agricola: mercados, preços, lei da oferta e da procura, de modo que haja certa estabilização e não possa sobrevir nenhuma baixa nem alta.

As realizações do corporativismo alemão em materia agricola são formidaveis.

O CORPORATIVISMO NA AUSTRIA

As Corporações austriacas fôram instituidas pelo governo do chanceler Dolfuss, logo depois das sangrentas perturbações comunistas, mascaradas de sociais-democratas, que fôram por aquêle eminente estadista cristão severamente reprimidas. O Estado Corporativo Austriaco inspirou-se nas tradições e realidades nacionais, consultando-as e interpretando-as fielmente.

Fontes do Corporativismo Austriaco:

a) A antiga tradição corporativa austriaca, a que a antiga Monarquia Dual se mantivera fiel durante todo o curso do século XIX, de tal modo que a Constituição de 1868, confirmada pela lei de 1883, conservava as Corporações de Oficio no corpo eleitoral do Imperio;

b) O espirito social cristão que influenciava o chanceler Dolfuss, creado no seio do glorioso partido católico que Monsenhor Seipel reorganizara imediatamente após a guerra, afim de defender a nação ameaçada de todos os lados. A doutrina oficial do partido católico

provinha diretamente das enciclicas "Rerum Novarum" e "Quadragesimo Anno".

c) As necessidades prementes da defesa social e da defesa nacional. Obrigado a lutar contra a social-democracia, contra as forças secretas e contra o comunismo que se ocultavam por trás da primeira, obrigado a evitar que o hitlerismo vizinho absorvesse a Austria, o Chanceler Dolfuss creou o **Estado Cristão-Social Austriaco,** no qual, segundo os estudos de Roland Pré no seu livro "Bilan du Corporatisme", a organização corporativa se reveste duma fórma moderna, mas demonstra uma grande tendencia para o sentido classico das antigas corporações.

Forças espirituais do corporativismo austriaco

a) Fé catolica: afirmação das sagradas tradições cristãs da patria.

b) Fé austriaca: afirmação do espirito nacional.

c) Fé germanica: afirmação de crenças nos destinos da Raça.

Principios do corporativismo austriaco

a) Primazia do espiritual sobre o social e o economico, afirmada categoricamente no Preámbulo da Constituição e no Preámbulo da Lei Sindical: « Em nome de Deus Todo Poderoso, do qual provém todo o Direito, o

povo austriaco recebe esta Constituição, afim de estabelecer seu Estado Cristão Germanico sobre a base corporativa »; « Afim de garantir, no espirito dos sentimentos cristãos, da justiça social e do amor á Pátria, aos operarios e empregados a eficaz representação de seus interesses, preparando sua incorporação á organização corporativa da sociedade, fica estabelecido o seguinte... »

b) Primazia do social sobre o economico, oga nizando-se antes de tudo as relações do trabalho, a cooperação e harmonia entre empregadores e empregados, com o fim precipuo de estabelecer a paz social. A bôa organização da produção, seu controlo e a circulação das riquezas somente se resolvem em função dessa paz social pre-estabelecida. A 17 de fevereiro de 1934, o chanceler Dolfuss declarava aos jornais: « Queremos uma representação operaria do ponto de vista corporativo, isto é, nos quadros que unem o patronato ao mundo dos empregados e operarios, ao invés de levantá-los uns contra os outros. » Para isto: reunião de todos os patrões e operarios da mêsma profissão em uma unica corporação regida por uma Junta Corporativa composta pela metade de patrões e operarios; deliberações de patrões e operarios em assembléas distintas, cujo acordo se torna necessario para a adopção de medidas de interesse comum (contrátos coletivos, arbitramentos, etc.).

Critica do corporativismo austriaco

De todas as doutrinas corporativas do mundo presente, a mais simples, sem duvida, é a austriaca. Preconiza um quadro bastante largo, capaz de adaptar facilmente as heranças sindicais do socialismo ao seu feitio. Inova muito menos na materia do que o fascismo italiano ou o Estado Novo português. Rompe completamente com as doutrinas materialistas, a liberal e a marxista, dando, como principal objectivo da organização corporativa, não a prosperidade economica, nem mêsmo a proteção individual do trabalhador, sim a Paz Social regulando as relações entre os patrões e os assalariados como elementos componentes imprescindiveis do mêsmo corpo social, sob a primazia do Espirito. O corporativismo austriaco penetra a fundo no problema basico do mundo moderno, que é restituir ao social sua primazia sobre o politico, o economico e o individual, e restituir ao espiritual sua primazia sobre êstes. Deste ponto de vista, o corporativismo austriaco somente encontra elementos de comparação no corporativismo português e somente é superado pelo Integralismo Brasileiro.

Organização do corporativismo austriaco

O plano corporativo austriaco prevê o seguinte:

a) Organização paralela de sindicatos pa-

tronais e operarios em cada atividade profissional.

b) Ligação entre êsses diversos organismos em gráus diferentes.

c) Classificação da economia nacional em oito ramos principais:

I — Agricultura e Florestas.
II — Industria e Minas.
III — Artezanato.
IV — Comercio e Transportes.
V — Bancos.
IV — Seguros.
VII — Profissões liberais.
VIII — Serviços publicos.

Cada um dêsses ramos constitue uma corporação que regula seus negocios, questões e interesses, plenamente autónoma nos gráus regionais e nacionais.

Cada corporação se subdivide em associações profissionais que agrupam diferentes oficios relativos a um mêsmo ramo de produção, cujo numero é variavel, conforme as corporações, contando cada qual um sindicato operario e um pa ronal. Essas associações profissionais se subdividem geograficamente em associações regionais e em associações locais, nas quais se encontram os mêsmos organismos paritarios de operarios e patrões.

No gráu local (empresa), a ligação se estabelece entre patrões e operarios por uma **comunidade de trabalho** que reune o patrão e os delegados de seu pessoal, denominados **homens de confiança**. Essas comunidades

discutem a aplicação dos contrátos coletivos, a regulamentação do trabalho, a disciplina nas oficinas, não valendo nenhuma discussão sem o ac.rdo entre o patrão e a maioria dos **homens de confiança.**

No gráu regional (provincia), a ligação se estabelece no seio das Cámaras Profissionais locais. Em cada região ha uma Cámara Regional por corporação.

No gráu federal, a ligação se estabelece no seio duma Cámara Profissional Federal, suprema expressão de cada corporação, a qual reune os delegados das associações profissionais regionais. Essas cámaras teem atribuições regulamentares e representativas. Seus delegados compõem, emfim, o Conselho Economico Federal de 70 membros, que é um dos orgãos legislativos do Estado e participa da constituição da Dieta Federal, á qual fornece 20 delegados dos 59 que a constituem. Por intermedio dessa Dieta, as corporações austriacas se incorporam ao Estado, cuja autoridade se exerce no plano social e politico pelo controlo das decisões dos organismos federais, das eleições e nomeações aos cargos superiores. Somente a corporação dos serviços publicos é quasi totalmente sujeita ao Estado.

No plano economico, êsse sistema funciona com um grande liberalismo.

As realizações do corporativismo austriaco

No estado atual da organização profissional do mundo, os principios do plano corpo-

rativo austriaco são daquêles que possuem o maior interesse doutrinario. Principios excelentes. Plano simples e capaz de poder ser adaptado á maioria das nações modernas. Todavia seus resultados não teem sido o que seria de desejar, ficando muitissimo aquem dos obtidos na Italia e em Portugal.

Para isso contribuiram principalmente duas causas. A primeira foi não terem tido os governos de Dolfuss e de Schussning, devido ás suas dificuldades politicas internas e externas, possibilidade nem tempo de realizar logo o plano corporativo estabelecido, teoricamente demasiado liberal para ser executado sob o regime de ditadura imposto pelas circumstancias ao Estado austriaco, o que produziu uma contradição entre a doutrina e os fátos. A segunda foi a creação, em virtude das aludidas circumstancias, da Frente Patriotica, do grande pacto catolico austriaco, ao qual, por um decreto de janeiro de 1934, o governo confiou a tarefa de organizar a aglutinação politica de todos os austriacos em torno da nova constituição, encarregando-o tambem da propaganda em favor das novas instituições profissionais. Isto fez com que o sistema caisse sob o completo dominio dessa parte partidaria.

Até agora somente fôram instituidas as corporações de funcionarios, da agricultura e da industria.

O CORPORATIVISMO EM PORTUGAL

Entre as organizações de trabalho modernamente instituidas na Europa, destinadas a lutar ao mêsmo tempo contra o anarco-sindicalismo soreliano e marxista, e o liberalismo insuficiente, o corporativismo português é aquêle que se apresenta como o menos empirico e o mais diretamente inspirado por uma doutrina mais classica da condição humana. Póde-se dizer que essa doutrina é mais adaptada aos fátos, mais cristã nas suas bases.

Ela absolutamente não violenta, nem na essencia, nem nas manifestações, o estado de cousas existente, salvo nos rarissimos casos em que essa violencia é exigida pelas necessidades vitais da economia nacional ou por motivos de absoluta moralidade. O Estado Novo em Portugal, segundo o afirma Salazar, é uma pessoa de bem.

Fontes do corporativismo português

O corporativismo português é uma realização progressiva de reformas calculadas de acôrdo com as possibilidades do pais e o espirito do século, sob o controlo constante da ex-

periencia. Inspira-se nas tradições cristãs e cavalheirescas da nação. Mergulha nas glorias do passado afim de preparar as novas glorias do futuro. Por isso, suprime as organizações revolucionarias e maçónicas vicejantes no seio da corrupção liberal, sanêa as finanças e estabelece de novo, modernizadas, as antigas corporações que fizeram a grandeza nacional.

Forças espirituais do corporativismo português

Profundamente espiritualista, o corporativismo português se fundamenta no cristianismo. Alem da doutrina social cristã, contem em si as energias da tradição, da raça e da pátria.

Principios do corporativismo português

A obra politica de Salazar fortemente se inspira na escola contra-revolucionaria francêsa. A influencia de Charles Maurras é visivel. Os principios norteadores da reforma corporativa portuguêsa, abundantemente definidos e comentados por Teotonio Deruria, procedem de duas partes: concepções católicas da vida humana e doutrinas tradicionais da sociedade lusitana. Podem-se resumir no seguinte:

a) **Primazia do espiritual e do social sobre o economico.** O bem espiritual e o progresso moral do homem devem preocupar em primeira linha os legisladores. A interven-

ção do Estado deve se dar em todos os casos em que fôr necessaria e a unica eficaz. No seu discurso de 31 de junho de 1928, Salazar declarou: « A organização economica deve ser inteiramente subordinada ao desenvolvimento moral, social e material do pais. »

b) **A intervenção normal do Estado só deve ser exercida nos dominios social e economico.** Costa Leite, sub-secretario de Estado das Finanças declara: « A doutrina corporativa propõe que a atividade economica se concentre e seja dirigida por entidades capazes de representar todos os interesses da produção, atingindo a um ideal de economia progressiva com o minimo de desequilibrio. Essa concepção pressupõe uma intervenção do Estado destinada, não a regular diretamente e imediatamente a vida economica, como quereriam as doutrinas estatais puras, mas a assegurar a creação e funcionamento dos orgãos representativos da vida economica, desempenhando entre êles o papel de árbitro supremo do interesse nacional. » E Salazar conclue no seu discurso de maio de 1934: « E' preciso dar ao Estado autoridade e força nêsses dominios (**social e economico**), sem o que nenhuma sociedade póde se manter nem prosperar. »

c) **Limitação da intervenção do Estado,** no alto pelo seu proprio espiritualismo, em baixo pela justa liberdade deixada aos corpos sociais. « Nenhum de nós — assegura Salazar — afirmará em Portugal a onipotencia

do Estado em face da massa humana como simples materia de grandes realizações politicas; nenhum de nós a considerará como a propria fonte da moral e da justiça sem se derivar dos principios duma justiça superior; nenhum de nós ousará proclamar a supremacia de seus direitos sem considerar a consciência individual, para as legitimas liberdades dos cidadãos e para os fins que se impõem á personalidade humana. » E ainda: « Sem desconhecer as necessidades da hora presente, que exige uma centralização industrial que atinge por exagero até a mobilização permanente de todas as atividades nacionais a serviço do Estado, o Estado Português não procura obter um controlo excessivo da produção e pretende deixar seu maximo de valor á ação da iniciativa individual, móla verdadeira duma vida social progressiva. »

d) **A Corporação é um grupo natural cuja proteção incumbe ao Estado.** De acordo com o que expõe o proprio fundador do Estado Novo em Portugal, o liberalismo politico isolou o individuo de sua familia, de sua classe, de sua profissão, de seu meio cultural e de sua coletividade economica, tornando-o mero cidadão e nêle baseando a soberania nacional. Isso é uma abstração contrária aos grupos sociais naturais, nos quais se encontram bases mais seguras para estabelecer com maiores garantias de permanencia e equilibrio a vida politica. A familia é a célula social por excelencia, nucleo originario do municipio e,

consequentemente, da Nação. E' essencialmente o primeiro elemento politico organico do Estado. Depois, veem as Corporações sociais ou economicas: universidades, academias cientificas, associações agricolas, industriais, comerciais, coloniais e operarias, que são outras tantas manifestações creadas pelo interesse á medida das necessidades e exigencias de caráter social. Como representam interesses vitais da Nação devem se alargar em federações e confederações, afim de constituirem verdadeiramente factores da vida organizada.

Critica do corporativismo português

De conformidade com o que Salazar disse em entrevista ao "Times", em 1928, o Estado Novo Português, ao contrário do fascismo italiano que não conhece obrigações de ordem juridica ou moral, não póde negar certas obrigações de ordem moral que julga indispensaveis á sua ação reformadora. Todavia não é nem póde ser um Estado teocratico, pois a propria organização da Sociedade deve ser feita de molde a evitar qualquer intervenção do Estado em nome do espiritual. O Estado Novo Português absolutamente não é nem pode ser um Estado Totalitario. E' um Estado Cristão Social e Corporativo que corresponde intimamente á constituição natural da Sociedade.

Suas Corporações se formam quer espontaneamente, quer ao influxo do poder publico,

cordenando-se em federações e confederações, afastando competições e lutas, submetendo todas as atividades e todos os interesses ás necessidades e interesses superiores da Nação, pensamento que tambem deve dominar a lei e a administração publica. Asseguram direitos e justos interesses morais e materiais das classes trabalhadoras; reconhecem ao trabalho a qualidade de factor de cooperação da empresa, associando-o por isso mêsmo, moralmente e economicamente, aos destinos da produção, embora respeitando as exigencias da propriedade, do lucro e da técnica. Diz Roland Pré, no seu livro "Bilan du Corporatisme", que dessa doutrina, consagrada como fundamento do Estado, em grande parte dependerá o progresso na paz e a ordem social.

Vê-se, pois, claramente que a doutrina corporativa portuguêsa faz parte dum corpo doutrinario geral, perfeitamente homogeneo, da Sociedade e do Estado, o qual respeita o espirito, prevê, favorece e dirige o nascimento e o funcionamento de organismos naturais segundo as proprias aspirações dos grupos interessados.

Organização do corporativismo português

A organização corporativa portuguêsa está regulada, em primeiro lugar, pelas disposições da Constituição que traça a sua arquitetura geral e, em segundo, por um dos seis de-

cretos-leis de 23 de setembro de 1933, intitulado Estatuto Nacional do Trabalho.

Segundo os termos do art. 2º dêsse Estatuto, « a organização economica da Nação deverá realizar um maximo de produção e de riquezas socialmente uteis. » Em principio, o Estado reconhece todas as manifestações do Direito de Propriedade; mas póde restringi-las de acôrdo com as exigencias do interesse geral, assim como do equilibrio e conservação da sociedade, conforme reza o art. 13. Pelo art. 9, garante a liberdade de trabalho, porem proibe as gréves e os locks-outs.

Preceitua o art. 15 que a direção das empresas pertence de pleno direito aos donos do capital ou aos seus representantes; e « nada deve prevalecer contra seu direito de conservar e amortizar o capital empregado. » Em caso de falta de trabalho, as empresas devem colaborar com as medidas tomadas pelo Estado e pelas Corporações para melhorar a situação do mercado de trabalho (art. 14). Devem nortear suas atividades de acordo com os constantes aperfeiçoamentos dos processos de fabricação. O Estado reserva-se o direito de « favorecer as atividades economicas particulares que, a preço igual, dariam maiores lucros », assim como « as pequenas industrias domesticas » (art. 19).

Em principio, o Estado garante o direito ao trabalho e um salario minimo correspondente ás necessidades de subsistencia, podendo, contudo, obrigar os operarios ao trabalho, se

combinarem suspender suas atividades. O Estado não fixa salarios nem condições de trabalho. Isto compete ás Corporações.

No corporativismo português, o patronato e o proletariado são organizados segundo uma hierarquia paralela até o ultimo gráu, quando, então, se misturam. Na base dessa organização, se encontram os **sindicatos nacionais** que agrupam os assalariados e as **associações patronais** ou **gremios.** Uns e outros reunem respectivamente empregadores e empregados da mêsma profissão em todo o pais. As associações patronais livremente se repartem. Os sindicatos nacionais se dividem nas regiões em sindicatos nacionais de distrito.

No gráu superior, as **federações** agrupam dum lado as associações de patrões, do outro os sindicatos nacionais de varias profissões relativas ao mêsmo ramo de produção. E' a primeira fase propriamente c o r p o r a t i v a. Até então, não ha, como se póde facilmente verificar, senão simples organização sindical análoga ás comuns. As federações são nacionais ou regionais, conforme a importancia ou a divisão territorial das diversas Corporações.

As **federações** se grupam no gráu superior, nacional, em **uniões patronais** ou **operarias,** que guardam, cada uma em relação á outra, sua autonomia de classe. Mas a reunião dos dois orgãos duma mêsma profissão ou dum mêsmo ramo de produção constituem a Corporação propriamente dita.

As profissões liberais possuem um estatuto especial.

Assim, a fórma corporativa pura, permita-se a expressão, somente aféta duas fórmas da organização: a federação em que se fundem as atividades similares ou solidarias, e a Corporação em que se fundem patronato e salariato.

As diversas Corporações reunem-se afinal numa Cámara Corporativa que « representa todos os grandes interesses morais, culturais e economicos da Nação. » Essa Cámara divide-se em secções que tratam, cada qual no seu gráu, dos problemas relativos aos variados ramos da economia nacional.

A organização corporativa em diversos gráus preenche um duplo fim: social e economico. Social, pela creação e gestão de instituições de previdencia, assistencia e aprendizagem, entre as quais a rêde das Casas do Povo, uma por paróquia, e a Fundação Nacional da Alegria no Trabalho que as dirige todas. Economico, favorecendo o desenvolvimento, equilibrio e harmonia da produção. O primeiro papel incumbe aos sindicatos de patrões e operarios; o segundo somente aos sindicatos patronais, cuja exclusiva autoridade em materia economica se afirma em todos os gráus.

O funcionamento interno dêsses diferentes organismos se rege de acôrdo com o seguinte principio: « As Corporações não podem estabelecer regras gerais e obrigatorias quanto á disciplina interna das profissões e á coorde-

nação das atividades economicas, se não receberam para isso mandato dos sindicatos nacionais e associações patronais e se para tanto não fôram autorizados pelo Estado. »

As proprias Corporações não podem regular os conflitos do trabalho. Isso compete aos Tribunais de Trabalho, especialmente creados para êsse fim, pelo decreto de 15 de abril de 1934. Esses tribunais se compõem de um juiz assistido por um representante do Estado, o qual é o protetor oficioso dos assalariados.

As realizações do corporativismo português

Acha-se a organização corporativa portuguêsa em pleno periodo de creação e o governo de Salazar quer adaptar-se de verdade ás realidades nacionais para ter pressas. Deseja uma obra duravel e bôa. Realiza-a vagarosa e cuidadosamente. Ele prevê 24 Corporações, mas ainda não organizou todas. As Corporações das Conservas, dos Vinhos e do Açucar são das mais importantes e estão funcionando já de maneira admiravel. Creou-se uma centena de sindicatos nacionais, que até aqui se teem desenvolvido nas industrias mais importantes.

O governo não provoca a sua formação. Favorece unicamente seu aparecimento espontáneo e seu desenvolvimento natural.

Os construtores duma Nação não devem ter pressa.

O CORPORATIVISMO NO BRASIL

O Corporativismo destina-se, no Brasil, a « reajustar em novas bases toda a vida nacional sob uma visão de conjunto, porque somente êle póde, moral e cientificamente, organizar a produção. O Estado Corporativo realizará a verdadeira união de todos os brasileiros, pois êstes deixarão de se agrupar, no dominio de suas atividades publicas, de acôrdo com os criterios partidarios ou regionais que teem dividido a nação, passando a se organizarem pelo criterio dos interesses espirituais, morais e materiais da profissão (1). No Estado Corporativo Brasileiro, os sindicatos não serão mais organizações destinadas a fomentar e manter, aberta ou disfarçadamente, a luta de classes; porem orgãos naturais do proprio Estado por serem grupos naturais da sociedade.

A Ação Integralista Brasileira, movimento de cultura e renovação social, partido politico de âmbito nacional, propugna no Brasil o Estado Integral, isto é, o Estado Corporativo Cristão, anti-totalitario, anti-liberal, anti-co-

---

(1) Gustavo Barroso — "Espirito do Século XX".

munista, Estado que, segundo inspiradas palavras do Chefe Plinio Salgado, vem do Cristo, inspira-se no Cristo, age por Cristo e vai para Cristo. Esse Estado realizará uma organização completa do pais, vinda do municipio até a Nação. E' uma democracia organica, harmonica e racional.

Fontes do corporativismo brasileiro

O Estado Integral basêa-se no cristianismo; inspira-se nos dogmas fundamentais da civilização cristã. Seu lema é: Deus, Pátria, Familia. Seu alicerce, a dignidade da pessôa humana, que respeita intrinseca e extrinsecamente: na liberdade de sua consciência e nas suas projeções no tempo e no espaço: familia, propriedade, associação, municipio.

Porque se abebere no espirito cristão, plenamente, o corporativismo brasileiro é, sem duvida, o mais completo de todos. Mais completo do que o italiano, o austriaco e o português. Enquanto êsses se ateem ás corporações economicas, êle vai alem e quer tambem organizar as corporações de caráter social e cultural.

Devemos, contudo, enumerar entre as fontes dêsse corporativismo, que vai buscar inspiração no tomismo, a experiencia dos outros regimes e tentativas corporativistas, porquanto, tendo chegado por ultimo, encontrou já outros em meio do caminho e pôde estudar calmamente a sua ação construtiva. Do ponto de

vista economico, o corporativismo cristão do Integralismo se funda na fórmula de Santo Tomás — de que o homem não foi feito para a economia, mas a economia foi feita para o homem. E' o absoluto predominio do espirito sem a negação da existencia e valor das leis naturais.

Forças espirituais do corporativismo brasileiro

O corporativismo brasileiro resulta da soma de todas as forças espirituais da Nação que organizarão todas as suas forças materiais. Essas forças fôram despertadas pela mistica da pátria, afim de opôr uma trincheira inexpugnavel á invasão do materialismo judaico-bolchevista. Essas forças espirituais são os Grandes Principios Morais norteadores da civilização cristã, verdadeiros elementos de eternidade na existencia nacional.

Essas forças são, em primeiro lugar, as sagradas tradições cristãs do Brasil. O "Breviario do Camisa-Verde" declara: « Defende as Sagradas Tradições Cristãs do Brasil; rega-as, se preciso, com teu proprio sangue para que melhor resplandeçam no futuro. » Nessas tradições se enquadra o Espirito Imortal da Pátria Brasileira, « nascido dos sacrificios e heroismos do Passado, conservado pela solidariedade das gerações (1). » Nelas se fundamenta o amor cristão da Familia.

(1) Gustavo Barroso — "Breviario do Camisa-Verde".

Depois, a mistica da Doutrina Integralista incarnada no seu Chefe, o espirito de sacrificio a prol da liberdade da Nação escravizada ao judaismo internacional, aos corrilhos politicos e financeiros, aos grupos economicos, ás sociedades secretas: maçonaria, bucha, etc.

Por fim, o amor da Ordem, da disciplina e da hierarquia.

E' preciso não esquecer que, profundamente cristão, o corporativismo brasileiro em tudo afirma a primazia do espiritual sobre o material, do social sobre o economico.

Principios do corporativismo brasileiro

O corporativismo brasileiro inspira-se no cristianismo e nas realidades brasileiras. E' eminentemente nacional. Resumamos os seus principios básicos:

a) Espiritualismo cristão.

b) Unidade da Nação e sua superioridade sobre os individuos e grupos.

c) Estado resultante logica da Nação, em intima união com ela.

d) Direito e deveres de propriedade.

e) Direito e deveres de familia.

f) Dignidade e liberdade da pessôa humana, criatura de Deus.

g) Harmonia do capital e do trabalho sob a égide da inteligencia.

h) Direito individual e dever social do trabalho.

i) Direito e deveres de associação.

j) Hierarquia de pessôas e funções, produzindo a Ordem Social.

k) Diferenciações do Trabalho nos modos de ser; unidade na essencia.

l) Organização profissional livre.

m) Salario justo.

n) Sentido moral da mão de obra.

o) Economia planificada.

p) Justiça Social.

Critica do corporativismo brasileiro

O Estado Corporativo Integral é um Estado completo, que incarna todo o espirito corporativista cristão do século XX. E' um organismo que impõe uma ordem social espiritualizada, repelindo, no campo economico, a usura, a especulação e a escravização do homem pelo homem. Ele assenta nos direitos naturais da pessôa humana e nas virtudes morais, politicas e economicas. E' o Estado Forte, sobretudo **moralmente forte.** Seu poder é legitimamente constituido sobre alicerces corporativos, na critica brilhante de Miguel Reale. Resulta das proprias corporações; não as crêa.

Organização do corporativismo brasileiro

O Estado Corporativo Integral alicerça-se na dignidade da pessôa humana, nos grupos naturais da familia e do sindicato, na autono-

mia do municipio, liberto do mesquinho choque das competições partidarias pela coparticipação de todas as classes na direção dos negocios publicos, na autonomia administrativa da provincia e na grandeza da nação integral, unida na união de todos os seus filhos (1).

O direito natural de associação é, como direito anterior e superior ao Estado, a **base cristã da organização corporativa.**

As Corporações resultarão das Federações de Sindicatos e estas, dos Sindicatos, associações privadas. Tres serão as funções dos Sindicatos: éticas, politicas e economicas. Os Sindicatos de patrões e empregados realizarão a sua harmonia por meio de contrátos coletivos de trabalho, os quais terão força de lei.

Os Sindicatos exercerão sua atividade no ámbito do municipio e elegerão seus representantes ao Conselho Municipal, os quais elegerão o prefeito. Os Sindicatos se agruparão em Federações no ámbito provincial e os representantes destas Federações na Camara Provincial elegerão o Governador da Provincia. No ámbito nacional, essas Federações se reunirão nas Corporações, que mandarão seus representantes á Cámara Corporativa. A esta competirão o estudo, confecção e votação das leis de meios.

Ao lado da Cámara Corporativa, um Senado composto pelos representantes de todas as profissões de caráter espiritual e intelectual,

---

(1) Gustavo Barroso — "Espirito do Século XX".

verdadeira « cupola cultural da Nação. » Suas comissões técnicas elaborarão as grandes leis de interesse nacional. E « uma descentralização administrativa quasi completa manterá nas Provincias o seu espirito de autonomia. Uma centralização politica quasi completa corrigirá os erros fatais da autonomia separatista e hegemonica dos Estados (1). »

Na Nação Integral, « a Ordem Social é uma hierarquia, fundada no respeito ás autonomias das pessôas e funções. Na Ordem Familiar, a autoridade paterna exercida na educação e direção da prole não cerceará os anseios dignos, nem esmagará tiranicamente as vontades. Na Ordem Economica, a Corporação defenderá interesses legitimos, norteará atividades e traçará regras de ação, sem despersonalizar ou oprimir o Sindicato, sem absorver o Artezanato Livre e sem parar a iniciativa particular no campo da produção, móla real do progresso, dêsde que se não oponha a outras iniciativas. Na Ordem Politica, o Estado Integral conduzirá a Nação Unida e Una, sem esmagar a Provincia, sem desrespeitar a Autonomia do Municipio, mas sem consentir que

---

(1) Gustavo Barroso — "Espirito do Século XX".

a Provincia ou o Municipio desrespeitem a Nação. Na Ordem Moral, o Estado Integral considerará inviolaveis e intangiveis a Consciência e a Dignidade das Pessôas. Em virtude da sua Ordem Social Hierarquizada, o Estado Integral não absorve autonomias, nem destrói iniciativas: defende-as, regula-as, fiscaliza-as, impulsiona-as (1). »

(2) Gustavo Barroso — "Integralismo e Catolicismo", **Carta Brasileira do Trabalho**.

IV

A IGREJA, O COMUNISMO E O CORPORATIVISMO

CARTA ENCICLICA DIVINI REDEMPTORIS

PIO XI, PAPA

Veneraveis irmãos,

Saudação e Benção Apostolica

1 — A promessa dum Redentor ilumina a primeira pagina da história da humanidade; e destarte a confiante esperança de melhores tempos aliviou as tristezas do paraiso perdido e acompanhou o genero humano no seu atribulado caminho, até que, na plenitude dos tempos, vindo á terra o Salvador do Mundo, satisfez a espectativa e inaugurou uma nova civilização universal, a civilização cristã, imensamente superior a que o homem até então com tanto trabalho atingira em nações mais privilegiadas.

2 — A luta, porém, entre o bem e o mal ficou no mundo como triste herança da culpa original; e o antigo tentador nunca desistiu

de iludir a humanidade com enganosas promessas. Assim que, no decurso dos seculos, de agitação em agitação, chegamos á revolução dos nossos dias, que, em toda a parte, podemos dizer, já desencadeada ou seriamente ameaçadora, em amplitude e violencia, supera quaisquer provações de anteriores perseguições contra a Igreja. Povos inteiros acham-se no perigo de recair em pior barbárie do que a em que ainda se encontrava a maior parte do mundo, ao aparecer o Redentor.

3 — Perigo tão ameaçador, vós, já o compreendestes, veneravis Irmãos, é o comunismo bolchevista e ateu, que visa subverter a ordem social e abalar os proprios fundamentos da civilização cristã.

I—ATITUDE DA IGREJA DEANTE DO COMUNISMO

Condenações precedentes

4 — Diante de tal ameaça, não podia a Igreja Catolica silenciar, e não silenciou. Não silenciou principalmente esta Sé Apostolica, que tem consciência de ser missão sua especialissima a defesa da verdade e da justiça e de todos os bens eternos que o comunismo menospreza e combate. Já dêsde os tempos em que meios cultos pretenderam libertar a sociedade humana dos laços da moral e da religião, Nossos Predecessores chamaram a atenção do mundo, aberta e explicitamente, para as consequencias da descristianização da humana so-

ciedade. No que diz respeito ao comunismo, já em 1846, nosso venerado Predecessor Pio IX, de s. m., fulminou solene condenação, confirmada, em seguida, no **Syllabus,** contra "aquela nefanda doutrina do chamado comunismo, sumamente contraria ao próprio direito natural, e que, uma vez admitida, levaria á subversão radical dos direitos, das cousas, das propriedades de todos, da mêsma sociedade humana". (Carta Enc. **Qui pluribus,** 9-IX-1846; **Act Pii IX,** vol. 1, pag. 13. Cf. **Syllabus** § IV; **Acta S. A. A.,** vol. III, pag. 170).

Posteriormente, outro Predecessor Nosso de imortal memoria, Leão XIII, na Enciclica **Quod Apostolici muneris,** definia-o: "peste destruidora, que, inficcionando a medula da sociedade humana, a levaria á ruina"; (Carta Enc. **Quod Apostolici muneris,** 28-XII-1878; **Acta Leonis XIII,** vol. 1, pag. 46); e com visão clara apontava que os movimentos ateus das massas, na obra do tecnicismo, se originavam daquela filosofia, que, já ha séculos, procurava separar a ciência e a vida da fé e da Igreja.

Atos do presente pontificado

5 — Tambem Nós, durante o nosso Pontificado, com frequente e zelosa insistencia, temos denunciado as correntes atéas que aumentam ameaçadoramente Quando, em 1924, a Nossa Missão de socorro voltava da União

Sovietica, em alocução apropriada, dirigida ao mundo, Nós nos declaramos contra o comunismo. (18-XII-1924; A. A. S., vol. XVI (0924) pp. 494-495), Em Nossas Enciclicas **Miserentissimus Redemptor,** (8-V-1928; A. A. S., vol. XX (1928) pp. 165-178), **Quadragesimo anno** (15-V-1931: A. A. S., vol. XXIII (1931), pp. 177-228), **Caritate Christi Compulsi** (3-V-1932: A. A. S., vol. XXIV (1932) pp. 177-194, **Acerba animi** (29-IX1932: A. A. S., vol. XXIV (1932), pp. 321-332), **Dilectissima Nobis** (3-6-1933: A. A. S., vol. XXV (1933), pp. 261-274), levantamos solene protesto contra as perseguições desencadeadas, na Russia, Mexico e Espanha; nem se extingiu ainda o éco universal das alocuções por Nós proferidas o ano passado, quando da inauguração da Exposição Mundial da Imprensa Católica, da audiencia aos espanhois exilados e da Mensagem para a Festa do Santo Natal. Ainda os mais encarniçados inimigos da Igreja, que de Moscou, com investidas incessantes, dirigem a luta contra a civilização cristã, por palavras e fátos, dão testemunho de que o Papado, tambem em nossos dias, continuou fielmente a tutelar o santuario da religião cristã, e com maior frequencia, e de maneira mais convincente que qualquer outra autoridade ter ena, fez voltar as vistas de todos para o perigo comunista.

Necessidade de outro documento solene

6 — Mas, não obstante estas repetidas admoestações paternas que foram por Vós, Veneraveis Irmãos, aos fieis transmitidas tão fielmente, e comentadas por meio de tantas e recentes Cartas Pastorais vossas, mêsmo coletivas, o perigo, sob o impulso de habeis agitadores, agrava-se de dia para dia. Portanto, Nós nos julgamos obrigados a levantar de novo a voz, com documento ainda mais solene, como é praxe desta Sé Apostolica, Mestra de verdade, documento naturalmente exigido pelo fáto de estar no desejo de todo o mundo católico.

Confiamos, pois, que o éco da Nossa voz se espalhe po toda a parte, onde se encontrem inteligencias isentas de preconceitos,e corações sinceramente desejosos do bem da humanidade, tanto mais que a Nossa palavra vem agora dolorosamente comprovada pela visão dos frutos amargos das idéas subversivas, como Nós previramos e prenunciáramos, e que se vão multiplicando assustadoramente com os fátos, nos paises já por êle dominados, ou como ameaça, nos demais paises do mundo.

7 — Nós, portanto, ainda uma vez, queremos expôr, a modos de breve sintese, os principios do comunismo ateu, como aparecem, principalmente, no bolchevismo, com seus metodos de ação, contrapondo a tais principios falsos a luminosa doutrina da Igreja, e inculcando, nova e insistentemente, os meios, pelos quais a civilização cristã, unica civitas ver-

dadeiramente **humana**, poderá salvar-se dêste satanico flagelo e desenvolver-se em pról do verdadeiro bem estar da sociedade humana.

II — DOUTRINA E CONSEQUENCIA DO COMUNISMO.

DOUTRINA

Falso ideal

8 — O comunismo hodierno, de maneira mais acentuada que outros movimentos semelhantes do passado, em si oculta uma idéa de falsa redenção. Determinado pseudo-ideal de justiça, de igualdade e de fraternidade no trabalho, penetra-lhe toda a doutrina e operosidade dum certo misticismo falso que, ás multidões, lisongeadas por enganosas promessas, comunica ardor e entusiasmo contagioso, especialmente em tempos como o nosso, em que da distribuição defeituosa das cousas dêste mundo resulta insólita miseria. Vangloria-se ainda esta pseudo idéa, de ter sido como que o promotor de certo progresso economico, o qual quando de fáto existe, tem a sua explicação em outras causas, como sejam a intensificação da produção industrial em paises que dela eram quasi falhos, valendo-se tambem das enormes riquezas naturais que possuem, e o uso de metodos brutais para executar trabalhos ingentes com pouca despesa.

Materialismo evolucionista de Marx

9 — A doutrina que o comunismo disfarça, sob aparencias por vezes tão sedutoras, basêa-se hoje, em substancia, sob e principios já divulgados por Marx, do materialismo dialético e historico, do qual os teoristas do bolchevismo pretendem possuir a unica genuina interpretação. Tal doutrina ensina não existir senão uma unica realidade, a materia, com suas forças cégas, a qual, por evolução, se torna planta, animal, homem. Tambem a sociedade humana não é senão aparencia e fórma da materia, que, por igual fórma, evolve, e, por necessidade inevitavel, tende, num perpetuo conflito de forças, para a sintese final: uma sociedade sem classes. Nessa doutrina, como se vê claramente, não ha lugar para a idéa de Deus, não ha diferença entre o espirito e a materia, nem entre a alma e o corpo; não existe a sobrevivencia da alma depois da morte, nem ha, portanto, esperança alguma em outra vida. Insistindo sobre o aspéto dialético do seu materialismo, os comunistas pretendem que o conflito, que leva o mundo para a sintese final, póde ser acelerado pelos homens. Esforçam-se, assim, por tornar mais pungentes os antagonismos que surgem entre as diversas classes da sociedade; e a luta de classe, com seus odios e destruições, toma aspéto de cruzada em pról do progresso da humanidade. De outra parte, todas as forças, sejam elas quais fôrem, que resistam áquelas violencias siste

maticas, devem ser aniquiladas, como inimigas do genero humano.

A que se reduzem o homem e a familia

10 — Ademais, o comunismo despoja o homem da liberdade, principio espiritual de conduta moral, tira á pessoa humana toda a dignidade e qualquer freio moral contra os assaltos dos cégos instintos. Ao individuo, em relação á coletividade, nenhum direito natural da personalidade humana é reconhecido, sendo a mêsma, no comunismo, simples roda e engrenagem do sistema; nas relações dos homens entre si, sustenta-se o principio da igualdade absoluta, que renega toda hierarquia e qualquer autoridade por Deus estabelecida, inclusive a dos pais; tudo quanto entre os homens existe de autoridade e subordinação, tira a sua origem da coletividade, como de fonte primeira e unica. Nem aos individuos se concede direito algum de propriedade sobre bens da natureza e meios de produção, visto que, sendo fonte de outros bens, a posse dêles levaria ao dominio dum homem sobre outro.

Por isto mêsmo deverá ser destruida radicalmente tal natureza de propriedade particular, como fonte primordial de toda a escravidão economica.

11 — Negando á vida humana todo caráter sagrado e espiritual, essa doutrina considera naturalmente o matrimonio e a familia como instituição puramente artificial e civil,

ou então, fruto de determinado sistema economico; negam a existencia do vinculo matrimonial de natureza juridico-moral que nada tem que vêr com o beneplacito do individuo ou da coletividade, e, por conseguinte, negam a indissolubilidade do mêsmo vinculo. Para o comunismo particularmente não existe vinculo algum que prenda a mulher á familia e ao lar domestico. Proclamando o principio da emancipação da mulher, afasta-a da vida domestica e da assistencia á prole, para leva-la á vida publica e ás atividades coletivas, na mêsma medida que o homem, transmitindo para a coletividade o desvelo do lar e dos filhos. Nega-se, emfim, aos pais o direito da educação, julgado como direito exclusivo da comunidade, em cujo nome, sómente, e, por comissão, pódem os pais exercê-lo.

O que seria, então, a sociedade

12 — Que seria a sociedade humana, baseada sobre tais fundamentos materialistas? Uma coletividade, sem outra hierarquia senão a do sistema economico. Teria a sociedade, como unica missão, a produção, por meio do trabalho coletivo e, como fim, o gozo dos bens terrenos, num paraiso em que "cada um daria, conforme a sua capacidade, e receberia segundo as suas precisões". A' coletividade o comunismo reconhece o direito, ou melhor, o arbitrio ilimitado, de obrigar ao trabalho coletivo os individuos sem nenhuma consideração ao seu

bem estar pessoal, ainda contra sua vontade, e até violentamente. Nessa coletividade, tanto a moral quanto a ordem juridica não seriam senão emanação do sistema economico do tempo, de origem, portanto, terrestre, mutavel e efemera. Resumindo: pretende-se introduzir nova época e nova civilização, fruto exclusivo de céga evolução: "uma humanidade sem Deus".

13 — Quando, finalmente, se transformar em realidade o ideal coletivista, no sentido utopico da sociedade sem qualquer distinção de classes, então o Estado politico, instrumento, hoje, de dominio dos capitalistas sobre os proletarios, perderá toda a sua razão de ser e "desaparecerá". Entretanto, enquanto não se chega a essa feliz condição de vida o Estado e o poder politico são, para o comunismo, o meio mais eficaz e mais universal de conseguir os seus fins.

14 — Eis, Veneravies irmãos, o novo e suposto Evangelho que á humanidade o comunismo bolchevista e ateu anuncia, como mensagem salutar e redentora! Sistema, cheio de erros e de sofismas, em oposição tanto á razão quanto á divina revelação; subversor da ordem social, porque outra cousa não é senão a destruição de suas bases fundamentais, sistema que desconhece a verdadeira origem, natureza e fim do Estado, e nega os direitos da pessôa humana, de sua dignidade e liberdade.

DIFUSÃO

Loucas promessas

15 — Como, porém, póde acontecer que tal sistema cientificamente, ha muito tempo, refutado, e, na pratica, desmentido, chegue a difundir-se tão rapidamente por toda a parte? A explicação é que mui poucos conseguiram penetrar a verdadeira natureza do comunismo, a maioria dos homens, ao contrario, cede á tentação habilmente preparada sob a fórma de alucinantes promessas. Com o pretexto de querer exclusivamente melhorar a sorte das classes trabalhadoras, extinguir reais abusos causados pela economia liberal e obter mais equitativa distribuição dos bens terrenos (fins, sem duvida, perfeitamente legitimos), e, aproveitando a crise economica mundial, o comunismo consegue fazer penetrar a sua influencia até em classes sociais que, por principio, regeitam qualquer fórma de materialismo e de terrorismo. E como todo o erro contem parte de verdade, êsse aspéto de verdade a que acenamos, posto ardilosamente em relevo, conforme as circunstancias, para enconbrir quando convier, a dureza repugante e inhumana dos principios e metodos do comunismo seduz tambem espiritos não vulgares, até se tornarem, por sua vez, apostolos do mêsmo junto das jovens inteligencias, pouco capazes ainda de descobrir os erros fundamentais do sistema. Além disso, os pregoeiros

do comunismo sabem aproveitar tambem os antagonismos de raça, as divisões ou oposições dos diversos sistemas politicos, a desorientação no campo da ciência sem Deus, para penetrar nas Universidades e, com argumentos peseudo-cientificos, fortalecer os principios da propria doutrina.

O liberalismo preparou-lhe o caminho

16 — Para explicar como o comunismo alcançou fazer-se aceitar sem previo exame por tantas multidões de operarios, convem não esqueçamos que para isso estavam os operarios preparados, pelo abandono moral e religioso em que os havia deixado a economia liberal.

Com os turnos de trabalho, mêsmo dominicais, não se lhes dava tempo de satisfazer, em dias festivos, os mais graves deveres religiosos. Não se pensava em construir igrejas juntos ás oficinas nem era facilitado o ministerio sacerdotal; continuava-se, ao contrario, a promover positivamente o laicismo. Recebe-se, portanto, agora, a herança de erros, por nossos Predecessores e por Nós mêsmos tantas vezes denunciados, e não é de admirar que num mundo tão largamente descristianizado se espalhe o erro comunista.

Propaganda astuciosa e vastissima

17 — Além disso, tão rapida difusão das idéas comunistas, já espalhadas em todos os

paises, grandes e pequenos, cultos e menos desenvolvidos, ao ponto de nenhum canto da terra ter ficado delas, imune, explica-se por uma propaganda verdadeiramente diabolica, como talvez o mundo nunca viu; propaganda dirigida por um unico centro, mas que muito habilmente se adapta ás condições dos diversos povos; propaganda de grandes recursos financeiros, de gigantescas organizações, de congressos internacionais, de inumeras forças bem adestradas; propaganda que se faz por meio de fôlhas avulsas e revistas, nos cinemas, nos teatros, pelo radio, nas Escolas e até nas Universidades, penetrando pouco a pouco em todas as classes sociais, ainda as melhores, sem quasi se aperceberem do veneno que sempre mais lhes corrompe mentes e corações.

Conspiração do silencio na imprensa

18 — Terceiro fator poderoso da difusão do comunismo é a verdadeira conspiração do silencio em grande parte da imprensa mundial não-católica. Dizemos conspiração, porque se não póde de outro modo explicar que essa imprensa, tão cubiçosa de pôr em relevo até os menores acontecimentos de cada dia, se tenha por tanto tempo calado sobre os horrores cometidos na Russia, no Mexico e tambem em grande parte da Espanha, e fale relativamente tão pouco de tão vasta organização mundial, qual é o comunismo de Moscovo. Deve-se, em parte, tal silencio a razões duma politica menos

previdente, favorecida por varias forças ocultas que, ha muito, procuram destruir a ordem social cristã (1).

Consequencias dolorosas

Russia e Mexico

19 — Temos nêste momento, diante dos olhos, dolorosos efeitos dessa propaganda. Onde o comunismo logrou implantar-se e dominar — e aqui nos passam pela mente com singular aféto paterno os povos da Russia e do Mexico, — ai se esforçou por todos os meios, por destruir (e o proclama abertamente), dêsde os seus alicerces, a civilização e a religião cristã, extinguindo no coração dos homens, mormente da mocidade, todo sentimento religioso. Bispos e padres fôram banidos, condenados a trabalhos forçados, fuzilados e assassinados de maneira deshumana, simples leigos, por terem defendido a religião, fôram tidos como suspeitos, maltratados, perseguidos, levados para as prisões, e arrastados aos tribunais.

Horrores do comunismo na Espanha

20 — Mêsmo onde, como em nossa carissima Espanha, o flagelo comunista ainda não

---

(1) O judaismo internacional e as sociedades secretas, entre as quais, em primeiro lugar, a maçonaria. — N. do A.

teve tempo de fazer sentir todos os efeitos de suas teorias, todavia, ai se desencadeou infelizmente com mais violencia. Não se abateu uma ou outra igreja, êste ou aquêle claustro, mas, quando se tornou possivel, fôram destruidas todas as igrejas, todos os claustros e qualquer vestigio da religião cristã, ainda que ligado aos mais insignes monumentos da arte e da ciência. O furor comunista não se limitou a matar Bispos e milhares de sacerdotes, de religiosos e religiosas, principalmente aquêles e aquelas que, de maneira particular, se dedicavam com maior desvelo aos operarios e aos pobres: mas fez numero muito maior de vitimas entre leigos de todas as classes, que até hoje são, póde-se dizer, diariamente trucidados, em massa, pelo fáto de serem bons cristãos, ou pelo menos, contrarios ao ateismo comunista. Tão espantosa destruição executa-se com tal odio, barbaridade e crueldade, que se não acreditaria possivel em nossos século. Não póde haver homem privado, que pense sabiamente, nem homem de Estado, consciente de sua responsabilidade, que se não horrorize ao pensar se possa repetir, amanhã, em outras nações civilizadas, o que hoje acontece na Espanha.

Consequencias naturais do sistema

21 — Nem se póde dizer que tais atrocidades sejam fenómeno transitorio, que sói acompanhar qualquer evolução de grandes pro-

porções, excessos isolados de irritação, comuns a toda guerra; não, são frutos naturais do sistema, a que falta todo o freio interior. Um freio é necessario ao homem, quer considerado como individuo, quer na sociedade. Mêsmo os povos barbaros tiveram êsse freio, na lei natural por Deus insculpida na alma de cada homem. Quando esta lei natural foi melhor observada, viram-se antigas nações se erguerem a uma grandeza tal, que ainda deslumbra mais do que conviria, a certos estudiosos superficiais da historia humana. Arrancando-se, porém, do coração dos homens a idéa de Deus, necessariamente, serão pelas paixões impelidos para a mais atroz barbárie.

Guerra contra tudo que é divino

22 — E' o que infelizmente estamos vendo: pela primeira vez na historia assistimos a uma luta friamente voluntaria e cuidadosamente preparada, pelo homem, contra "tudo o que é divino" (II, Tessal, II, 4). O comunismo é, por sua natureza, anti-religioso, e considera a religião como o "opio do povo" porque os principios religiosos, que falam da vida de além-tumulo, dissuadem o proletario de ter por fim a consecução do paraiso sovietico, que pertence a esta terra.

O TERRORISMO

23 — Não se pisa, porém, impunemente, a lei natural e o Autor da mêsma: o comunismo não pôde nem poderá alcançar seu intento, mêsmo no campo puramente economico. Verdade é que na Russia pôde contribuir para sacudir homens e cousas de longa e secular inercia, e obter, por todos os meios frequentemente ilicitos, qualquer exito material; mas, por testemunhos insuspeitos, e recentissimos, sabemos que, de fáto, nem lá conseguiu o que prometera, não obstante a escravidão a que submeteu milhões de homens. Tambem no campo economico, a moral é necessaria, qualquer sentimento moral da responsabilidade que, aliás, não tem lugar num sistema exclusivamente materialista, como é o comunismo. Para substitui-lo, só resta o terrorismo, como precisamente vemos agora na Russia, onde antigos companheiros de conspiração e de lutas se dilaceram mutuamente; terrorismo, que, além do mais, não consegue opôr um dique não só á corrupção dos costumes, mas nem siquer á destruição da estrutura social.

Um pensamento paterno aos povos oprimidos da Russia

24 — Com isso, porém, não queremos de modo algum condenar, em massa, os povos da União Sovietica, para quem nutrimos a mais viva afeição paternal. Sabemos como varios

entre êles gemem debaixo do jugo cruel que hes impuseram, á força, homens em maxima parte estranhos aos verdadeiros interesses do pais (1), é reconhecemos que muitos outros foram iludidos por enganosas esperanças. Acusamos o sistema e seus fautores, que julgaram fôsse a Russia terreno mais adaptado para pôr em pratica um sistema ha decenios já elaborado, e que, de lá, continuam a propagá-lo por todo o mundo.

III — A LUMINOSA E CONTRARIA DOUTRINA DA IGREJA

25 — Expostos, assim, os erros e meios violentos e enganosos do comunismo bolchevista e ateu, já é tempo, Veneraveis Irmãos, de lhe opôr, com brevidade, a verdadeira noção da Civitas humana, — a humana Sociedade, tal qual Vós a conheceis, e como no-la ensinam a razão e a revelação, por intermedio da Igreja, Magistra gentium.

REALIDADE SUPREMA: DEUS!

26 — Acima de qualquer outra realidade, está o sumo, unico e supremo sêr, DEUS, Creador todo poderoso de todas as cousas, Juiz sapientissimo e justissimo dos homens. Esta suprema realidade — DEUS, — é a mais absoluta condenação das descaradas mentiras

---

(1) Os judeus sem pátria que dominam a Russia.

do comunismo. E, em verdade, não porque crêem os homens, Deus existe; mas porque Ele existe, nêle acredita e lhe dirige seus rogos todo aquêle que não fecha voluntariamente os olhos diante da verdade. (1)

Que são o homem e a familia segundo a razão e a fé

27 — Quanto ao homem, o que dêle dizem a fé e a razão. Nós já expuzemos os pontos fundamentais, na Enciclica sobre a educação cristã (Carta Enciclica **Divini illius Magistri**, 31-XII-1929; A. A. S., vol. XXII, 1930, pp. 49-86). Possue o homem uma alma-espiritual e imortal; é pessôa, dotada admiravelmente pelo Creador de dons de corpo e de alma, — verdadeiro "microcosmo", conforme diziam os antigos, — pequeno mundo, que vale muito mais que todo o imenso mundo inanimado. Ele tem, nesta e na outra vida, só Deus, por ultimo fim; pela graça santificante, é elevado á dignidade de filho de Deus, e incorporado ao reino de Deus, no mistico corpo de Jesus Cristo. Conseguintemente, dotou-o Deus com muitas e varias prerrogativas: direito á vida, á integridade do corpo, aos meios necessarios de subsistencia; direito de aspirar ao seu ultimo fim pelo caminho traçado por Deus; direito de

---

(1) O Manifesto de Outubro do Integralismo começa, opinado: "Deus dirige os destinos dos Povos". De acôrdo com a Enciclica. — N. do A.

associação, de propriedade, e uso dessa propriedade (1).

28 — Como o matrimonio e o direito ao uso natural do matrimonio são de origem divina, assim tambem a constituição e prerrogativas fundamentais da familia fôram determinadas e fixadas pelo mêsmo Creador, e não pelo humano arbitrio nem por factores economicos. Na Enciclica sobre o matrimonio cristão (Carta Encicl. **Casti** connubii, 31-XII-1931: A. A. S., vol. XXII, 1930, pp. 539-592) e na outra Nossa Carta a que Nos referimos, sobre a educação, largamente tratamos dêsses assuntos.

QUE É A SOCIEDADE

Direitos e deveres mutuos entre o homem e a sociedade

29 — Deus, porém, ao mêsmo tempo, destinou o homem para a vida social, por exigencia da propria natureza humana.

E' a sociedade, no plano do Creador, meio natural, de que póde e deve utilizar-se o homem para alcançar os seus fins, sendo a sociedade humana para o homem, e não vice-versa, Isto não se entende no sentido do liberalismo individualista, que ao uso egoista do individuo subordina a sociedade; mas só no sentido de

---

(1) O Integralismo reconhece tudo isso pelas mêsmas razões. — N. do A.

que, mediante a união organica com a sociedade, a todos se torne possivel, por mutua colaboração, a realização da felicidade terrena; além disso, se entende, no sentido de que, na sociedade, se podem aperfeiçoar as qualidades individuais e sociais, inerentes á natureza humana, qualidades que pairam acima do interesse imediato do momento e na sociedade reproduzem a imagem da divina perfeição, o que, no homem isolado, não póde verificar-se. Mas êsse ultimo fim da sociedade, é, êle proprio, em ultima analise, ordenado ao homem, para que reconheça o reflexo da perfeição divina e, assim, o faça reverter em louvor e adoração ao Creador. Não a sociedade humana, qualquer que ela seja, mas somente o homem, ou pessôa humana, é dotado de razão e de vontade moralmente livre.

30 — Dest'arte, como não póde o homem dispensar-se das obrigações por Deus exigidas em relação á sociedade civil, e, como os representantes do poder civil teem o direito de coagir o homem ao cumprimento do proprio dever, quando êste ilegalmente se recusar a cumpri-lo, assim tambem a sociedade não póde subtrair ao homem direitos pessoais que lhe fôram concedidos pelo Creador, aos quais — os mais importantes, acima Nos referimos; nem póde, por principio, impedir-lhe o uso de tais direitos. E', pois, conforme á razão e, por exigencia da razão, que, no fim de contas, todas as cousas terrenas sejam dispostas para a pessôa humana, afim de que, por inter-

medio dela, se encaminhem para o Creador. Bem se aplica ao homem, ou a pessôa humana, o que, sobre a economia da salvação cristã, escreve aos de Corinto o Apostolo das Gentes: "Tudo é vosso, vós sois de Jesus Cristo, Cristo é de Deus" (I Cor. III,28). Enquanto o comunismo empobrece a pessôa humana, invertendo os termos de relação entre o homem e a sociedade, elevam-n'a tão alto a razão e a revelação!

A ordem economico-social

31 — Com relação á ordem economico-social, fôram os principios diretivos expostos na Enciclica social de Leão XIII, sobre a questão do trabalho (Carta Enciclica **Rerum Novarum**, 15-V-1891: Acta **Leonis** XIII, vol. IV, pp. 177-209) e, em a nossa Enciclica sobre a restauração social (Carta Enciclica **Quadragesimo anno**, 15-V-1931; A. A. S., vol. XXIII, 1931, pp. 177-228) fôram adaptados ás exigencias dos tempos atuais. Posteriormente, insistindo, outra vez, na doutrina secular da Igreja acerca do caráter individual e social da propriedade privada. Temos fixado o direito e dignidade do trabalho, as relações de mutuo apoio e auxilio que devem existir entre os detentores de capital e os trabalhadores, o salario, por estricta justiça devido ao operario, para êle e para a familia. (1)

---

(1) Vide "Integralismo e Catolicismo" do autor.

32 — Mostramos, na mêsma Enciclica, que os meios para salvar o mundo atual da lastimavel ruina em que o liberalismo amoral nos fez cair, não se encontram na luta de classes e no terror, nem no abuso autocratico do poder do Estado, mas na penetração da justiça social e do sentimento do amor cristão, na ordem economico-social. Mostramos como a sã prosperidade deve ser reconstruida de conformidade com os verdadeiros principios de sadio cooperativismo, que respeite a devida hierarquia social, e como todas as corporações devem unirse em harmonica unidade, inspirando-se no principio do bem comum da sociedade. E a principal e mais genuina missão do poder publico e civil consiste precisamente em promover, com eficacia, essa harmonia e coordenação de todas as forças sociais.

Hierarquia social e prerrogativas do estado

33 — Suposta a colaboração organica, para a tranquilidade, a doutrina católica reivindica para o Estado a dignidade e a autoridade de defensor vigilante e previdente dos direitos divinos e humanos, sobre os quais as Sagradas Escrituras e os Padres da Igreja frequentemente insistem. Não é verdade que na sociedade civil todos temos direitos iguais, e que não exista hierarquia legitima. Basta que nos reportemos ás Enciclicas de Leão XIII, acima citadas, especialmente á que trata do poder do Estado (Carta Enciclica **Diuturnum illud** 20-V-1881;

Acta Leonis XIII, vol. I, pp. 210-222), e á outra sobre a constituição cristã do Estado (Carta Enciclica **Immortale Del,** 1-XI-1885; **Acta Leonis XIII,** vol. II, pp. 14g-168). Nelas encontra o católico com muita clareza expostos os principios da razão e da fé, que o tornarão capaz de se precaver contra erros e perigos da concepção comunista do Estado. Expoliação de direitos e escravização do homem; negação da primeira e sublime origem do Estado e do poder do Estado; abuso horrivel do poder ao serviço do terrorismo coletivista, são de fáto, cousas contrarias á ética natural e á vontade do creador. Quer o homem, quer a sociedade civil tiram a sua origem do Creador que os ordenou, mutuamente, um para outra; portanto, nenhum dos dois póde isentar-se dos deveres que lhes são recirpocos nem renegar ou menoscabar os proprios direitos. O mêsmo Creador regulou essa mutua relação em seus traços fundamentais, e é injusta usurpação o que o comunismo se arroga, ao querer impôr, em logar da lei divina baseada sobre os principios imutaveis da verdade e da caridade, um programa politico de partido, que promana do arbitrio humano, e é cheio de odio.

Beleza de tal doutrina da igreja

34 — Ao ensinar tão luminosa doutrina não tem outro fim a Igreja sinão realizar o feliz anuncio apregoado pelos Anjos na gruta de Belem, ao nascer o Redentor: "Gloria a Deus...

e paz aos homens..." (Luc. II,14); paz verdadeira, e verdadeira felicidade tambem nêste mundo, enquanto é possivel, com vistas e em preparação da eterna felicidade, aos homens, porém, de bôa vontade. Tal doutrina é igualmente alheia a todos os extremos do erro como a quaisquer exageros de partidos ou sistemas que lhes sejam aderentes; atém-se sempre ao equilibrio da verdade e da justiça; reivindica-o, em teoria, aplica-o e promove-o, na prática, conciliando direitos e deveres de uns com os de outros, isto é, a autoridade com a liberdade, a dignidade do individuo com a do Estado, a personalidade humana do sudito, com a representação divina no superior, e, pois, a devida dependencia e o amor ordenado de si proprio, da familia e da pátria, com o amor de outras familias e de outros povos, fundado no amor de Deus, pai de todos, primeiro principio e ultimo fim. Não separa do justo interesse dos bens temporais a solicitude dos eternos. Se a êstes subordina aquêles, segundo a palavra do seu divino Fundador: "Procurai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo mais vos será dado por acrescimo" (Math. VI, 33); longe está de se desinteressar das cousas humanas e de prejudicar a prosperidade civil e as vantagens materiais, que, antes, sustenta e promove na maneira mais razoavel e eficaz. Assim, mêsmo no campo economico-social, embora nenhum sistema técnico tenha proposto, pois não é isto de sua alçada, todavia a Igreja tem fixado claramente pontos e traços

que se prestam a diversas aplicações concretas, conforme as condições dos tempos, lugares e povos, e apontam caminho seguro para alcançar o aperfeiçoamento da sociedade.

35 — A sabedoria e suma utilidade desta doutrina é admitida por quantos a conhecem verdadeiramente. Com toda a razão insignes estadistas puderam afirmar que, após terem estudado diversos sistemas sociais, nada de mais haviam encontrado do que os principios expostos nas Enciclicas **Rerum Novarum** e **Quadragesimo anno.** Mas tambem em paises não católicos se reconhece quanto são uteis, para a sociedade humana, as doutrinas sociais da Igreja; assim que, ha um mês apenas, eminente homem politico do Extremo Oriente, não cristão, não duvidou em proclamar que a Igreja, com a sua doutrina de paz e fraternidade cristã, altissima contribuição traz para o estabelecimento e manutenção da paz operosa entre as nações. Até os proprios comunistas, conforme sabemos, por seguras informações vindas de toda a parte a êste Centro de Cristandade, se ainda não de todo corrompidos, quando se lhes expõe a doutrina social da Igreja, reconhecem a sua superioridade sobre as doutrinas de seus chefes e mestres Só os alucinados pela paixão e pelo odio fecham olhos á luz da verdade, e a combatem com teimosia.

E' verdade que a igreja não procedeu de acordo com essa doutrina?

36 — Os inimigos da Igreja, porem, reconhecendo, embora, a sabedoria de sua doutrina, censuram a Igreja, por não ter sabido proceder conforme os principios, e por isso afirmam que outros caminhos devem ser procurados. Quanto é falsa e injusta a acusação, demonstra-o toda a historia do Cristianismo. Para só fazer menção de um ponto carateristico, foi o Cristianismo quem primeiro proclamou, de maneira, amplitude e convicção, até então desconhecidas, a verdadeira e universal fraternidade dos povos de qualquer condição e raça, contribuindo, assim, poderosamente para a abolição da escravidão, não com revoltas sanguinolentas, mas pela força interior de sua doutrina, que fazia a orgulhosa patricia romana ver, na escrava, uma sua irmã em Cristo. Foi o Cristianismo, que adora o Filho de Deus feito homem, por amor dos homens, transformado em "Filho do Carpinteiro", ou antes, "Carpinteiro" êle proprio (Math. XIII, 55; Mar. VI, 3), foi o Cristianismo que elevou o trabalho manual á sua verdadeira dignidade; êsse trabalho manual anteriormente tão desprezado, que até Marcos Tulio Cicero, tão discreto, não hesitou escrever palavras que hoje envergonhariam a qualquer sociologo: "Todos os operarios se ocupam em oficios despreziveis, pois a oficina não póde conter algo de

nobre". (M. T. Cicero, **De officiis**, Lib. I, c. 42).

37 — Fiel a tais principios, a Igreja regenerou a sociedade humana, surgiram, sob o seu influxo, obras de caridade, poderosas corporações de artistas e trabalhadores de toda a categoria, escarnecidas, como cousas da Idade Media, pelo liberalismo do seculo passado, e agora reivindicadas para a admiração dos nossos contemporaneos, que procuram, em muitos paises, fazer reviver dalgum modo o conceito das mêsmas. E, quando outras correntes embaraçavam a obra, impedindo a influencia salutar da Igreja, esta, até aos nossos dias, não desistia de admoestar os que estavam no erro. Basta recordarmos com que firmeza, energia e constancia, Nosso Predecessor Leão XIII reivindicou, para o operario, o direito de associação, que o liberalismo dominante nos mais poderosos Estados se obstinava em negar. Tal influencia da doutrina da Igreja, ainda na hora presente, é maior do que parece, por isso que, grande e certo, embora não se possa vêr nem medir, é o predominio das idéas sobre os fátos.

38 — Bem se póde dizer, com toda a verdade, que a Igreja, á semelhança de Cristo, passa através dos seculos, fazendo a todos o bem. Não haveria socialismo nem comunismo, se os que governaram os povos não houvessem desprezado os ensinamentos e maternais conselhos da Igreja: Preferiram, diversamente, sobre alicerces do liberalismo e do laicismo,

construir outros edificios sociais, que pareciam, á primeira vista, poderosos e grandes; mas bem depressa reconheceram que, por lhes faltarem solidos fundamentos, se foram desmoronando desastradamente, um após outro, como, aliás, ha de desmoronar tudo quanto se não apoia sobre a unica pedra angular, que é Jesus Cristo. (1)

IV — REMEDIOS E MEIOS

E' mister defendermo-nos

39 — Esta, Veneraveis Irmãos, a doutrina da Igreja, a unica que póde trazer verdadeira luz, tanto no campo social, como em qualquer outro campo, e que póde, contrariamente á ideologia comunista, dar salvação. E' mister, porém, que tal doutrina passe sempre cada vez mais para a vida pratica, conforme admoestação do Apostolo São Tiago: "Sêde... cumpridores da palavra, e não simples ouvintes, iludindo-vos a vós mêsmos" (S. Tiago, I,22); por isso, o que mais urge na atualidade é usar, com energia, oportunos remedios, em oposição eficaz á ameaçadora agitação que se vai preparando. Alentamos firme confiança em que, ao menos, a paixão com que os filhos das trevas dia e noite trabalham para a sua pro-

---

(1) "O Estado Integral — declara Plinio Salgado — é o Estado que vem de Cristo, inspira-se em Cristo, age por Cristo e vai para Cristo". N. do A.

paganda materialista e atéa sirva para estimular santamente os filhos da luz a ter um zelo igual, antes maior, da honra da Majestade divina.

40 — Que, é preciso, portanto, fazer, de que remedios haveremos de usar, para defender a Cristo e a civilização cristã contra êsse pernicioso inimigo? Como pai, no seio de sua familia, quereriamos tratar, quasi na intimidade, dos deveres que a todos os filhos da Igreja impôe, a grande luta de nossos dias, dirigindo tambem a Nossa paternal admoestação aos filhos que dela se afastaram.

Renovação da vida cristã

41 — Como em todos os periodos mais tormentosos da historia da Igreja, assim tambem hoje o remedio fundamental é a renovação sincera da vida particular e publica, conforme os principios do Evangelho, em todos aquêles que se gloriam de pertencer ao Redil de Cristo, afim de que sejam realmente sal da terra, que preserva a sociedade humana de tal corrupção.

42 — Com profunda gratidão ao Pai das luzes, de quem dêsde "Tudo o que de melhor nos é dado, e todo o dom perfeito" (S. Tiago, 1,17), vemos por toda a parte sinais consoladores dessa renovação espiritual não só em tantas almas particularmente de escol, que, nêstes ultimos anos, se elevaram ao cume de sublime santidade, e em tantas outras, sempre mais numerosas, que generosamente ca-

minham para a mêsma luminosa senda, mas tambem no rejuvenescimento duma piedade sentida e vivida, em todas as classes sociais, ainda as mais cultas, conforme pusemos em relevo em o Nosso recente motu-proprio **"In multis solaciis"** de 28 de Outubro passado, por ocasião da reorganização da Academia Pontificia de Ciências (A. A. S., XXVIII, 1936, pp. 421-424).

43 — Não podemos, porém, negar que muito ainda resta fazer nêsse caminho de renovação espiritual. Até em paises catolicos, numerosos são os católicos só de nome e os que, seguindo embora mais ou menos fielmente as práticas mais essenciais da religião que se ufanam de professar, não cuidam todavia de conhecê-la melhor, de adquirir mais profunda convicção, e, menos ainda, de trabalhar porque ao verniz exterior corresponda o brilho interior duma consciência reta e pura, que sente e cumpre todos os seus deveres sob os olhares de Deus. Sabemos quanto o Divino Salvador detesta essa vã e enganosa exterioridade, Ele que de todos exigia adoração ao Pai "em espirito e verdade" (Jo. IV,23).

Quem não vive verdadeira e sinceramente conforme a fé que professa, hoje, quando tão galhardamente sopra o vento da luta e da perseguição, não poderá manter-se por longo tempo, mas será miseravelmente envolvido nêsse novo diluvio, que ameaça o mundo, e, dest'arte enquanto prepara para si a propria

ruina, tambem ao oprobrio exporá o nome cristão.

Desapego dos bens terrenos

44 — E aqui, Veneraveis Irmãos, queremos mais particularmente insistir em dois ensinamentos do Senhor, que teem especial relação com as condições atuais do genero humano; o desapego dos bens terrenos e o preceito da caridade. "Bemaventurados os pobres de espirito", fôram as primeiras palavras que sairam dos labios do Divino Mestre, no sermão da montanha (Math. V,3). E esta lição é hoje mais do que nunca necessaria, em tempos de materialismo sedento de bens e de prazeres dêste mundo. Todos os cristãos, ricos ou pobres, devem sempre ter o olhar fixo no Céu, lembrando-se de que "não temos aqui morada permanente, mas vamos em busca de outra futura (Hebr. XIII,14)" Os ricos não devem pôr nas cousas da terra a propria felicidade, nem, para a consecução das mêsmas, empregar seus melhores esforços; mas, considerando-se simplesmente administradores, a quem assiste obrigação de, um dia, prestar contas ao Dono supremo, delas se hão de servir como de meios valiosos, que Deus lhes proporciona, para fazer o bem; não deixem de distribuir aos pobres o superfluo, conforme preceito evangelico (Luc. XI, 41). De outra forma verificar-se-á com êles, e em relação ás suas riquezas, a severa sentença de São Tiago Apos-

tolo: "Eia, ricos, chorai agora, gemei desesperadamente, por causa das miserias que sobre vós advirão. Vossas riquezas apodreceram e vossos vestidos pela traça fôram destruidos. Enferrujou-se o ouro e a prata de vossa propriedade; sua ferrugem servirá de testemunho contra vós, e, como fogo, devorará as vossas carnes. Acumulastes contra vós tesouros de ira, para os ultimos dias" (S. Tiago V,1-3).

45 — Quanto aos pobres, procurando, por sua vez, de acordo com as leis da caridade e da justiça, o necessario, e até melhores condições de vida, devem sempre permanecer tambem "pobres de espirito" (Mat. V. 3), tendo os bens espirituais em maior apreço que os bens e gozos terrenos. Tenham em mente que se não conseguirá jámais fazer desaparecer do mundo as miserias, dôres e atribulações, a que tambem estão sujeitos aquêles que na aparencia se mostram mais afortunados. E' necessario, pois, para todos, a paciencia, a paciencia cristã que dirige o coração para as promessas divinas duma eterna felicidade. "Sêde, pois, pacientes, ó irmãos — ainda com São Tiago vos exortamos, até á vinda do Senhor. O agricultor espera o fruto precioso da terra, e o espera com paciencia, até receber o fruto temporão e o tardio. Sêde tambem vós pacientes, e reanimai os vossos corações, porque a chegada do Senhor está proxima" (Tiago V. 4-8). Assim, sómente, se cumprirá a consoladora promessa do Senhor: "Bemaventurados os pobres". E esta não é consolação nem

promessa vã, como são as promessas dos comunistas; são palavras de vida que conteem uma realidade suma e que se verificam plenamente aqui na terra, e depois na eternidade. Com efeito, quantos pobres, nestas palavras e na espectativa do reino dos Céus, já proclamado propriedade dêles, "porque o reino de Deus é vosso" (Luc. VI, 20), encontram a felicidade que tantos ricos não possuem em suas riquezas, sempre inquietos e sequiosos de mais e mais enriquecer.

Caridade cristã

46 — Mais importantes ainda como remedio do mal de que tratamos, ou ao menos, mais diretamente ordenado a curá-lo, é o preceito da caridade. Nós nos referimos áquela caridade cristã "paciente e benigna" (I Cor., XIII,4), que, sem ares de aviltante proteção e sem qualquer ostentação, dêsde o inicio do Cristianismo, ganhou, para o Cristo, os mais pobres entre os pobres — os escravos; e somos grato a quantos, em obras de beneficencia, dêsde as conferencias de São Vicente de Paulo até as grandes e recentes organizações de assistencia social, praticaram e praticam as obras de misericordia espiritual e corporal. Quanto mais os operarios e os pobres experimentarem em si mêsmo o que por êles faz o espirito de amor, animado pela virtude de Cristo, tanto mais renunciarão ao preconceito de que o Cristianismo perdeu sua eficacia e de que a

Igreja esteja com aquêles que lhes exploram o trabalho.

47 — Quando vemos, porém, de um lado multidões de indigentes, realmente oprimidos pela miseria, por motivos alheios á sua vontade; e do outro, perto dêles, muitos que se divertem despreocupadamente e, em cousas inuteis, gastam enormes somas, não podemos deixar de reconhecer, com grande pezar, que não sómente a justiça não é bem observada, mas tambem o preceito da caridade cristã não é suficientemente conhecido nem vivido, na pratica de cada dia. Desejamos, portanto, Veneraveis Irmãos, que, pela palavra e por escrito, seja sempre mais explicado êste divino preceito, preciosa senha de reconhecimento deixada por Cristo a seus verdadeiros discipulos, preceito, que nos ensina a vêr nos que sofrem o mêsmo Jesus Cristo, e nos impõe amor a nossos irmãos como nos amou o Divino Salvador, isto é, até ao sacrificio de nós mêsmos e, se preciso fôr, da propria vida. Sejam, pois, por todos e com frequencia meditadas aquelas palavras, a um tempo consoladoras e terriveis, da sentença que, no dia de Juizo final, será proferida pelo Supremo Juiz: "Vinde, ó benditos de meu Pai:. . . porque tive fome, e vós me destes de comer, tive sêde, e me destes de beber. . . Em verdade vos digo, meus irmãos, a mim o fizestes" (Mat. XXV, 34-40). E, ao contrario: "Ide longe de mim, amaldiçoados, para o fogo eterno. . . porque tive fome, e vós me não destes de comer, tive

sêde e me não destes de beber... Em verdade vos digo que todas as vezes que o não fizestes a um dêsses pequeninos, entre meus irmãos, a mim o não fizestes" (Mat. XXV, 41-45).

48 — Para garantia, pois, da vida eterna e para poder socorrer eficazmente os indigentes, é mister voltar a uma vida mais modesta renunciar aos prazeres frequentemente pecaminosos, que o mundo hoje oferece exuberantemente, esquecer-se de si mêsmo, por amor do proximo. Divina força regeneradora tem êste "novo preceito" (como lhe chama Jesus) da caridade cristã (Joan, XIII, 34), cuja fiel observancia infundirá, nos corações, paz interior desconhecida do mundo, e trará eficaz remedio aos males que atormentam a humanidade.

Deveres de estrita justiça

49 — Mas a caridade nunca será verdadeira, se não tiver em conta a justiça. Ensina o Apostolo que "quem ama o proximo, cumpra a lei"; e disto dá razão: "visto como **Não pecar contra a castidade, Não matar, Não roubar**... e os demais preceitos nesta forma se resumem: **Amarás ao teu proximo como a ti mêsmo** (Rom. XIII, 8-9). Se, pois, segundo o Apostolo, todos os deveres se reduzem ao exclusivo preceito da verdadeira caridade, mêsmo aquêles que são de estrita justiça, como o "Não matar e o não roubar", uma caridade que prive o operario do salario a que faz jus

por direito definido, não é caridade, mas nome vão e ôca aparencia de caridade. Nem o operario haverá de receber por esmola o que de justiça lhe pertence nem se ha de tentar dispensa dos grandes deveres da justiça com pequenas ofertas de misericordia. Caridade e justiça impõem frequentemente deveres que dizem á mesma cousa, embora sob diverso aspéto, e os operarios, por motivo de dignidade, são justamente muito susceptiveis, em relação aos deveres de outrem para com êles.

50 — Portanto a vós de modo particular Nos dirigimos, patrões e industriais cristãos, cuja tarefa frequentemente tão dificil se torna, porque carregais pesada herança de erros dum regime economico iniquo, que, em varias gerações exerceu desastrosa influencia: tende vós mêsmos bem presente a vossa responsabilidade. Verdade é, infelizmente, que a maneira de proceder de certos meios católicos contribuiu para abalar a confiança dos trabalhadores na religião de Cristo. Não quiseram compreender que a caridade cristã exige o reconhecimento de certos direitos, que ao operario se devem, e que explicitamente lhe tem reconhecido a Igreja. Como se haverá de julgar o procedimento de patrões católicos, que, nalguns lugares, conseguiram impedir fôsse lida, em suas igrejas patronais a Nossa Enciclica **"Quadragesimo anno"**?

E os industriais católicos que até hoje se mostram adversarios dum movimento operario por Nós mêsmos recomendado? Não é para se

lastimar, em verdade, que o direito de propriedade, reconhecido pela Igreja, tenha ás vezes servido para defraudar o operario no justo salario e em seus direitos sociais?

Justiça social

51 — Existe, realmente, além da justiça comutativa, a justiça social, que impõe tambem deveres, a que se não pódem subtrair nem patrões nem operarios. Compete-lhe propriamente exigir de cada um tudo quanto é necessario para o bem geral. Mas, como, em relação ao organismo do vivente, não se provê ao todo, se a cada uma das partes e a cada membro não se der quanto lhes é necessario ao exercicio de suas funções; assim tambem não se póde provêr acerca do organismo social e do bem de toda a sociedade, se a cada uma das partes e a cada membro que são homens que possuem a dignidade de pessôas, não se dér tudo aquilo que lhes é necessario para exercer as proprias funções sociais. Praticada tambem a justiça social, dela resultará, na tranquilidade e na ordem, intensa atividade de toda a vida economica mostrando que o corpo social está são, como acontece no corpo humano, cuja saude se reconhece na imperturbavel e ao mêsmo tempo plena e benefica energia de todo o organismo.

52 — Não se póde entretanto afirmar ter-se cumprido a justiça social, se os operarios não tiverem garantido o proprio sustento e o da

familia com um salario conveniente a êsse fim; se lhes não é facilitada a oportunidade de adquirir modesto peculio, prevenindo-se dêsse modo contra a chaga da miseria comum, se não fôrem tomadas todas as providencias em seu favor, com seguros publicos ou partidulares, para o tempo da velhice, da doença, ou quando se achem desempregados. Numa palavra, repetindo o que dissemos em Nossa Enciclica **"Quadragesimo anno"**: "Poderá subsistir, de fáto, e alcançará suas finalidades a economia social, quando a todos e a cada um de seus membros fôrem proporcionados todos os bens que pódem ser fornecidos pelas forças e subsidios da natureza, e pela técnica, com a constituição social do fáto economico. Devem êsses bens ser suficientemente abundantes para que satisfaçam ás necessidades duma honesta subsistencia e para que sejam elevados os homens a melhores condições de vida, o que, tudo feito com prudencia, não sómente não é entrave para a virtude, mas a favorece consideravelmente". (Carta Enciclica **Quadragesimo anno**, 5-V-31: A. A. S., vol. XXVIII, 1931, p. 202).

53 — Se pois, como acontece mais frequentemente com o assalariado, não póde ser praticada a justiça pelo individuo, se todos não concordarem em praticá-la conjuntamente mediante instituições que unam entre si empregadores para evitar entre êles concorrencia incompativel com a justiça devida aos empregados, então é dever dos donos de empresas e dos patrões promover e manter tais instituições

necessarias, que se tornam meio normal para o cumprimento dos deveres de justiça. Lembrem-se tambem os empregados das obrigações de caridade e de justiça para com os empregadores, e fiquem certos de que dessa maneira melhor ainda defenderão os proprios interesses (1).

54 — Considerando-se, portanto, a complexidade da vida economica, — como já notamos em nossa Enciclica **Quadragesimo anno** — não é possivel fazer reinar nas relações economico-sociais, a mutua colaboração da justiça e da caridade, senão por meio de um corpo de instituições profissionais e inter-profissionais sobre bases solidamente cristãs, ligadas entre si, e formando, sob formas diversas e adequadas a lugares e circunstancias, o que se chamava Corporação. (2)

Estudo e difusão da doutrina social

55 — Para dar a ação social maior eficacia, torna-se mui necessario promover o estudo dos problemas sociais á luz da doutrina da Igreja e difundir seus ensinamentos sob a proteção da Autoridade por Deus constituida na propria Igreja. Se a maneira de proceder de alguns católicos deixou algo a desejar, no

---

(1) E' o que o Integralismo quer: harmonia social. — N. do A.

(2) O Integralismo preceitua o Corporativismo Cristão.

campo economico-social, isto frequentemente se deu porque não conheceram nem meditaram bastante os ensinamentos dos Sumos Pontifices acerca do assunto. Torna-se, portanto, sumamente necessario que em todas as classes sociais se promova mais intensa formação social, que corresponda aos diversos gráus de cultura inteletual, e se procure com toda a solicitude e habilidade a mais larga difusão dos ensinamentos da Igreja, mêsmo entre a classe operaria. Sejam as inteligencias iluminadas pela luz segura da doutrina católica e as vontades inclinadas a segui-la e aplica-la como norma de vida moral, pela observancia conscienciosa dos multiplos deveres sociais, opondo-se assim a incoerencia e descontinuidade da vida cristã por Nós varias vezes fomentada, motivo pelo qual alguns, enquanto na aparencia se mostram fieis cumpridores de seus deveres religiosos, no campo, porem, do trabalho, da industria e profissão, no comercio ou no emprego, por deploravel desdobramento de consciência, levam uma vida muito desconforme com as normas assim chamadas da justiça e da caridade cristã, causando dêste modo grave escandalo aos fracos e oferecendo aos máus fácil pretexto para desacreditar a propria Igreja.

56 — Grande contribuição, para esta restauração social, póde fornecer a imprensa católica. Ela póde e deve primeiramente procurar, com modos varios e atraentes, tornar sempre mais bem conhecida a doutrina social, informar com exatidão e tambem com a devida

amplitude, sobre as atividades do inimigo e sobre os meios, para o combate, empregados, que melhor resultado deram em varias regiões; poderá propor uteis sugestões, e estar alerta contra a astucia e enganos com que os comunistas procuram, e já o conseguiram, atrair para si homens de bôa fé.

Precaver-se contra as ciladas do comunismo

57 — Sôbre êste ponto, já insistimos em Nossa Alocução de 12 de maio do ano passado, mas julgamos necessario, Veneraveis Irmãos, novamente e de modo particular, chamar vossa atenção. O comunismo manifestou-se, no começo, tal qual era em toda a sua perversidade, mas logo percebeu que assim afastava de si os povos; mudou então de tatica, e procura ardilosamente atrair as multidões, ocultando os proprios intuitos atraz de idéas, em si bôas e atraentes.

Dest'arte, vendo o desejo comum de paz, os chefes do comunismo fingem ser os mais zelosos fautores e propagandistas do movimento pela paz mundial, mas ao mêsmo tempo excitam os homens para a luta de classes, que faz correr rios de sangue, e, pressentindo falta de garantia interna de paz, recorrem a armamentos sem limites. Assim, sob denominações varias, que nem siquer fazem alusão ao comunismo, fundam associações e periodicos, que, na verdade, servem só para fazer penetrar suas idéas em meios que doutra forma lhes

seriam menos acessiveis, procuram até infiltrar-se insidiosamente em associações católicas e religiosas. Assim, em alguns lugares, mantendo-se firmes em seus perversos principios, convidam os católicos a colaborar com êles, no chamado campo humanitario e caritativo, propondo por vezes cousas, em tudo, até conformes ao espirito cristão e á doutrina da Igreja. Em outras partes, sua hipocrisia vai ao ponto de fazer acreditar que o comunismo, em paises de maior fé ou de maior cultura, tomará feição mais branda, não impedirá o culto religioso e respeitará a liberdade de consciência. Mais alguns ha que, referindo-se a certas mudanças introduzidas recentemente na legislação sovietica, dai concluem que o comunismo está prestes a abandonar o seu programa de luta contra Deus. (1)

58 — Velai, Veneraveis Irmãos porque se não deixem iludir os fieis. Intrinsecamente máu é o comunismo, e não se pode admitir, em campo algum colaboração reciproca, por parte de quem quer que pretenda salvar a civilização cristã (2). E se alguem, induzido em erro, cooperasse para a vitória do comunismo em seu pais, seria o primeiro a cair como vitima do proprio erro. Quanto mais se distinguir pela antiguidade e grandeza de sua civi-

---

(1) E' o painel do disfarce comunista sob o rotulo da Democracia e do Anti-fascismo.

(2) E' a condenação da politica e dos politicos liberais que se aliam aos comunistas, e da falada **main tendue.** — N. do A.

lização cristã, a região onde consegue penetrar o comunismo, tanto mais devastador se manifestará ai o odio dos "sem Deus".

Oração e penitencia

59 — "Se o Senhor, porem, não fôr a sentinela da cidade, em vão velará seu guardião" (Ps. CXX VI,I) Por isto como ultimo e poderosissimo remedio, recomendamo-Vos, Veneraveis Irmãos, promover e intensificar, da maneira mais eficaz, em vossa Diocese, o espirito da oração unida á penitencia cristã. Quando ao Salvador perguntaram os Apostolos porque não haviam êles conseguido libertar um possesso do espirito maligno, respondeu-lhes o Senhor. Tais demonios não se expulsam senão pela oração e pelo jejum" (Mat. XVII, 20). Tambem o mal que hoje atormenta a humanidade não poderá ser vencido senão por uma santa cruzada universal de orações e penitencias. Recomendamos, pois, principalmente ás Ordens contemplativas, masculinas e femininas, redobrarem suas preces e sacrificios afim de impetrar do Céu para a Igreja valiosa proteção nas lutas presentes, pela poderosa intercessão da Virgem Imaculada, a qual, como esmagou um dia a cabeça da antiga serpente, assim continua sempre, como segura defensora e invencivel "Auxilio dos cristãos".

V — MINISTROS E AUXILIARES DESTA OBRA SOCIAL DA IGREJA

Os sacerdotes

60 — Para a obra mundial de salvação que vimos delineando, e para a aplicação dos remedios que sumariamente apontamos, ministros e operarios evangelicos designados pelo divino Rei Jesus Cristo são em primeiro lugar, os Sacerdotes. A êles, por especial vocação, guiados pelos Pastores Sagrados, e em união de filial obediencia ao Vigario de Jesus Cristo na terra, é confiado o encargo de conservar acêsa no mundo a chama da fé e de infundir nos fieis aquela esperança sobrenatural, com que a Igreja, em nome de Jesus Cristo, combateu e venceu tantas outras batalhas: "E' esta a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (Ep. Jo. V,4).

61 — Lembramos de modo particular aos sacerdotes a exortação, tantas vezes repetida, de Nosso Predecessor Leão XIII, de ir ao operario, exortação que Nós fazemos nossa, e completamos: "Ide ao operario, especialmente ao operario pobre; ide, em geral, aos pobres", seguindo nisto os ensinamentos de Jesus e de sua Igreja. Com efeito, os pobres são as maiores vitimas dos embusteiros, que exploram sua miseravel condição, para lhes despertar inveja contra os ricos -e excitá-los a tomar para si, pela força, aquilo que lhes parece injustamente recusado pela fortuna; e se o sacerdote não fôr

aos operarios, aos pobres, para preveni-los ou desenganá-los dos preconceitos ou das falsas teorias, tornar-se-ão êles facil presa dos apostolos do comunismo.

62 — Não podemos negar que muito se tem feito nêste sentido, particularmente depois das Enciclicas **Rerum Novarum e Quadragesimo anno**; e, com paternal agrado, aplaudimos laboriosos desvelos pastorais de tantos Bispos e sacerdotes, que vão procurando e experimentando cautelosamente, com a devida prudencia, novos metodos de apostolado, que melhor correspondam ás exigencias do tempo. Tudo isso, porem, é muito pouco para as necessidades presentes. Como, quando a pátria está em perigo, tudo aquilo que não é estritamente necessario ou diretamente destinado á urgente necessidade da defesa comum passa para segundo plano, assim tambem em o nosso caso qualquer outra obra, conquanto bôa e bela, ha de ceder lugar á necessidade vital de salvar os fundamentos da fé e da civilização cristã. Portanto, das paroquias, dando embora o que devem naturalmente dar para a cura habitual das almas, reservem os sacerdotes o melhor de suas energias e atividades para reconduzir a Cristo e á Igreja as massas dos trabalhadores e fazer penetrar o espirito cristão em meios que dêle mais se alhearam. Encontrarão, nas multidões populares, inesperada correspondencia e abundancia de frutos que lhes recompensará o penoso trabalho da primeira lavoura, como vimos e vemos, em Roma

e em varias metropoles, onde, ao surgir de novas Igrejas, nos arrabaldes, vão se formando zelosas associações paroquiais e se operam verdadeiros milagres de conversões entre populações que eram hostis á religião só porque a não conheciam.

63 — Mas, o meio mais eficaz de apostolado, entre as multidões de pobres e humildes, é o exemplo do sacerdote, exemplo de todas as virtudes sacerdotais, conforme as descrevemos em a Nossa Enciclica. **Ad catholici sacerdotii** (20-XII-1935: A. A. S., vol. XXVIII, 1936, pp. 5-53), e, no caso presente, de modo especial, é necessario o exemplo luminoso da vida humilde, pobre, desinteressada, cópia fiel do Divino Mestre que podia, com franqueza divina, proclamar. "Ás raposas teem seus covis e as aves do ar seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça (Mat. VIII, 20). "O verdadeiro sacerdote, evangelicamente pobre e desinteressado, faz milagres de bem, no meio do povo, como S. Vicente de Paulo, o cura d'Ars, o Cottolengo, dom Bosco e tantos outros; ao passo que o avarento e interesseiro, como dissemos na Enciclica já citada ainda quando não se precipita, como Judas no abismo da traição, será, no minimo, ôco "bronze retumbante, cimbalo inutil que tine" (I Cor. XIII,I); e, mui frequentemente, antes entrave que instrumento de graça, no meio do povo. E se por dever de ofício, deve o sacereote secular ou regular administrar bens temporais, lembre-se que não

só ha de observar escrupulosamente tudo o que prescreve a caridade e a justiça, mas, de modo particular, deve mostrar-se verdadeiro pai dos pobres.

A ação católica

64 — Dirigimos, depois do clero, Nosso paternal convite aos carissimos filhos Nossos do laicato, que militam nas fileiras da Ação Católica ,de Nós tão querida, que, em outra ocasião, já declaramos ser (12-V-1936): "subsidio particularmente providencial" para a obra da Igreja, nestas tão dificeis contingencias. Com efeito, a Ação Católica é tambem apostolado social, porque tende a difundir o Reino de Jesus Cristo não só nos individuos, mas ainda nas familias e na sociedade. Antes de tudo, portanto, deve formar, com particular empenho, seus associados, e prepará-los para as santas pelejas do Senhor. Em tal trabalho de formação, mais do que nunca urgente e necessario, que ha de ser sempre anteposto á ação diréta e positiva ,servirão de certo os circulos de estudo, as semanas sociais, cursos organizados de conferencias e demais iniciativas apropriadas a tornar conhecida, no sentido cristão, a solução dos problemas sociais.

65 — Soldados da Ação Católica, assim preparados e adestrados, serão os primeiros e imediatos apostolos de seus companheiros de trabalho, e se tornarão preciosos auxiliares do sacerdote, para levar a luz da verdade e aliviar

graves miserias materiais e espirituais, refractarias, em varias partes, á ação do ministro de Deus, ou por inveterados preconceitos contra o Clero ou lamentavel apatia religiosa Cooperar-se-á de tal modo, sob a direção de sacerdotes especializados naquela assistencia religiosa ás classes trabalhadoras, que Nós tanto encarecemos como o mais apropriado meio, para preservar queridos filhos Nossos da cilada comunista.

66 — Além do apostolado individual, quasi sempre oculto, mas sobremaneira util e eficaz cabe á Ação Católica fazer, com a propaganda oral e escrita, larga difusão dos principios fundamentais que sirvam para a constituição duma ordem social cristã, de acôrdo com os documentos pontificios.

67 — Em torno da Ação Católica, agrupam-se organizações que temos já aplaudido, como auxiliares da mêsma. Exortamos, com paternal aféto, tambem essas utilissimas organizações a consagrar-se á grande missão de que tratamos, missão que, por sua importancia vital, supera todas as demais.

Organizações auxiliares

68 — Nosso pensamento tambem se dirige as associações da classe de operarios, de agricultores, engenheiros, medicos, patrões, estudantes e outras semelhantes de homens e mulheres, que vivem nas mêsmas condições culturais e, quasi pela propria natureza se reuni-

ram em grupos homogeneos. São precisamente tais grupos e organizações destinados a estabelecer, na sociedade, aquela ordem que Nós tivemos em mira, na Enciclica **Quadragesimo anno,** e a difundir, assim, o reconhecimento da realeza de Cristo nos diversos campos da cultura e do trabalho.

69 — E se, por condições diversas da vida economica e social, o Estado se julgou no dever de intervir até ao ponto de assistir e regula mentar diretamente essas instituições com particulares disposições legislativas salvo o respeito devido ás liberdades e iniciativas particulares, ainda assim em tais circunstancias, a Ação Católica não póde ficar alheia a realidade mas deve dar, com sabedoria, a contribuição de sua inteligencia com o estudo dos novos problemas á luz da doutrina católica e a sua atuação com a participação leal e cheia de bôa vontade de seus membros, nas novas formas e instituições, impregnando-as do espirito cristão, que é sempre principio de ordem e de mutua e fraternal colaboração.

Apêlo aos operarios católicos

70 — Uma palavra particularmente paterna queremos aqui dirigir aos Nossos caros operarios católicos, jovens e adultos, que, talvez para galardão de sua fidelidade, por vezes heroica, nêstes tempos tão dificeis, teem que cumprir missão mui nobre e trabalhosa. Sob a orientação de seus Bispos e sacerdotes cabe-

lhes reconduzir, para a Igreja e para Deus multidões imensas de irmãos no trabalho, que, irritados, por não terem sido compreendidos ou tratados convenientemente, se afastaram de Deus. Os operarios católicos, com o exemplo e por palavras, mostrem, a seus irmãos desviados, que, a Igreja é Mãi carinhosa de todos aquêles que trabalham e sofrem, e nunca faltou nem faltará ao sagrado dever de mãi, na defesa de seus filhos. Se a missão que êles devem cumprir nas minas, nas fabricas, nas oficinas, em toda a parte onde se trabalha, exige por vezes grandes sacrificios, lembrem-se de que o Salvador do mundo deu exemplo não só de trabalho, mas tambem de sacrificio.

Necessidade da concordia entre os católicos

71 — A todos os Nossos filhos, portanto, de qualquer classe social, de qualquer nação de qualquer agremiação religiosa e leiga, na Igreja, desejamos dirigir novo e mais caloroso apêlo, para a concordia. Varias vezes o Nosso coração paterno foi magoado por cisões quasi sempre futeis em suas causas, e sempre tragicas em suas consequencias, pondo em litigio filhos de uma só Mãi, a Igreja Dest'arte os amigos da desordem que não são tão numerosos, aproveitando tais divergencias, as tornam mais agudas, e acabam por lançar os mêsmos católicos uns contra outros. Depois dos acontecimentos dêstes ultimos mêses, deveria parecer superfluo o nosso aviso. Repetimo-lo porém,

ainda uma vez, a todos aquêles que não compreenderam ou não querem compreender. Os que se empenham em fomentar discordias entre católicos assumem grave responsabilidade, diante de Deus e da Igreja.

Apêlo a todos os que acreditam em Deus

72 — Mas, a êsse combate, alimentado pelo poder das trevas, contra a propria idéa da Divindade, apraz-Nos alentar a esperança de que, alem dos que se gloriam do nome de Cristo, se oponham valorosamente tambem aquêles (e são a maior parte da humanidade) que ainda crêem em Deus e o adoram. Renovamos, portanto, o apêlo que, ha cinco anos, fizemos em Nossa Enciclica **Caritate Christi**, afim de que tambem êles leal e cordialmente concorram de sua parte para "afastar da humanidade o grande perigo que a todos ameaça" Pois — conforme diziamos então, se "acreditar em Deus é fundamento inabalavel de toda a responsabilidade, assim todos aquêles que não querem a anarquia e o terror devem energicamente trabalhar para que os inimigos da religião não consigam o fim por êles tão abertamente proclamado" (Carta Enciclica **Caritate Christi**, 3-V-1932: A. A. S., vol. XXIV, 1932, p. 184).

DEVERES DO ESTADO CRISTÃO

Auxiliar a Igreja

73 — Expusemos, Veneraveis Irmãos, a tarefa positiva, de ordem doutrinaria e ao mêsmo tempo prática, que a Igreja assume, pelo proprio motivo da missão que lhe confiou Cristo, de edificar a sociedade cristã, e, em nossos tempos, de combater e quebrantar os esforços do comunismo. Nêsse intento, apelamos para todas e cada uma das classes sociais. Para êste mêsmo cometimento espiritual da Igreja deve o Estado cristão tambem concorrer positivamente, auxiliando a Igreja, na tarefa, com os meios de que dispõe, os quais, embora sejam externos, teem por fim, em primeiro lugar, sempre o bem das almas.

74 — Terão, por isso, os Estados todo o cuidado de impedir que uma propaganda atéa, perturbadora de todos os fundamentos da ordem, semeie, em suas terras, a morte, visto que se não póde manter autoridade terrena se não se reconhecer a autoridade da Majetade divina, nem se tornará inabalavel o juramento, se não fôr feito no nome do Deus Vivo, Repetimos o que varias vezes, com tanta insistencia temos afirmado, nomeadamente em nossa Enciclica **Caritate Christi.** Como ha de perdurar qualquer contrato, e que valor póde ter um tratado, em que falta garantia de consciência. E como se póde falar em garantia de consciência onde a fé e temor de

Deus são desprezados: Destruida esta base, cairá com ela toda a lei moral, e não haverá remedio algum que possa impedir a gradativa e inevitavel ruina dos povos, das familias, do Estado e da propria civilização humana. (Carta Enciclica **Caritate Christi**, 3-V-1932: A. A. S., vol. XXIV, p. 190).

Providencias de bem comum

75 — Alem disto, deve o Estado envidar esforços para estabelecer as condições materiais de existencia sem as quais uma sociedade organizada não póde subsistir, para fornecer trabalho principalmente aos pais de familia e á mocidade. Nêsse intuito sejam levadas as classes abastadas a tomar sobre si, pela necessidade urgente do bem comum, os encargos sem os quais a sociedade humana não póde salvar-se, nem elas mêsmas poderiam encontrar salvação. As providencias, porem, que ao Estado cabe tomar, para êsse fim, devem ser tais que atinjam positivamente aquêles que de fáto têem em mãos maiores capitais, que vão aumentando continuamente, com grave dano para os outros.

Administração sóbria e prudente

76 — O proprio Estado, tendo presente sua responsabilidade diante de Deus e da sociedade, com prudente e sóbria administração sirva de exemplo a todos os outros. Hoje, mais

do que nunca, a gravissima crise mundial exige dos que dispõem de maiores recursos, — fruto do trabalho e energias de milhões de cidadãos, que tenham sempre diante dos olhos unicamente o bem comum e, quanto lhes seja possivel, se apliquem a promovê-lo. Tambem os servidores do Estado e todos os empregados, conscienciosamente, com fidelidade e desinteresse, cumpram suas obrigações, seguindo os luminosos exemplos antigos e recentes de homens insignes, que, trabalhando sem cessar, sacrificam toda a vida para o bem da pátria. Procure-se, pois, no comercio dos povos, entre si, remover com solicitude aquêles impedimentos artificiais da vida economica, que promanam de sentimentos de desconfiança e de odio, lembrando-se de que todos os povos da terra constituem uma só familia de Deus.

Não entravar a liberdade da Igreja

77 — Não deve, por igual, o Estado entravar a plena liberdade da Igreja em cumprir a sua divina missão de todo espiritual, afim de assim contribuir, poderosamente, para salvar os povos da terrivel tormenta da hora presente. Por toda a parte, faz-se hoje apêlo aos valores morais e espirituais; e, com razão, porque o mal que ha de ser combatido é, antes de tudo, considerado, em sua primeira fonte, mal de natureza espiritual, e dessa fonte é que nascem, por logica diabolica, todas as monstruosidades do comunismo. Ora, entre os valores

morais e religiosos tem incontestavelmente preeminencia a Igreja Católica. Logo, exige o proprio bem da humanidade que se não ponham obstaculos á sua atuação.

78 — Si de outra forma se proceder, e, ao mêsmo tempo se pretenda alcançar essa finalidade com meios puramente economicos e politicos, cai-se na trama de perigoso erro. E, quando se exclue a religião da escola, da educação, da vida publica, e se põem em ridiculo os representantes do Cristianismo e seus ritos sagrados, por ventura não se fomenta o materialismo de onde tira a sua origem o comunismo? Nem a força, ainda a mais bem organizada, nem os ideais da terra, sejam embora os maiores e os mais nobres, podem dominar um movimento, que tem por base precisamente a demasiada estima dos bens terrenos.

79 — Confiamos em que aquêles que dirigem os destinos das Nações, por pouco que percebam o extremo perigo de que são hoje os povos ameaçados sentirão sempre melhor o supremo dever de não impedir á Igreja o cumprimento da missão que lhe cabe; tanto mais que, nessa missão, enquanto tem em mira a felicidade eterna do homem, inseparavelmente trabalha tambem para a verdadeira felicidade temporal.

Apêlo paterno aos desviados

80 — Não podemos, porem, terminar esta Carta Enciclica sem dirigir uma palavra aos

mêsmos filhos Nossos que estão, já, ou quasi, contaminados do mal comunista. Nós os exortamos calorosamente a ouvir a voz do Pai que os ama, e rogamos ao Senhor que os ilumine afim de que abandonem o caminho incerto, que a todos arrasta para imensa e tremenda ruina, e reconheçam tambem êles que o unico salvador é Jesus Cristo, Senhor Nosso; "pois que não ha sob o Céu outro nome dado aos homens, no qual possamos esperar salvação". (Act. IV, 12).

CONCLUSÃO

São José, modelo e patrono

81 — E para apressar a "Paz de Cristo no Reino de Cristo" (**Carta Enciclica** Ubi Arcano, 23-XII-1932: A. A., vol. XIV, 1922, p. 691), colocamos a ingente Ação da Igreja Católica contra o comunismo ateu mundial sob o amparo do poderoso Protetor da Igreja, São José. Pertence Ele á classe operaria, e da pobreza experimentou o peso, para si e para a Sagrada Familia, da qual era chefe vigilante e afetuoso; a Ele foi confiado o Divino infante, quando Herodes atirou no encalço d'Ele os seus algozes. Com uma vida de observancia estrita de seus deveres quotidianos, deixou exemplos a todos aquêles que hão de ganhar o pão de cada dia com o trabalho de suas mãos, e mereceu ser chamado justo, modelo vivo da

justiça cristã que deve predominar na vida social.

82 — Com os olhos voltados para o Alto, vê a nossa Fé os novos Céus e a nova terra, de que fala o primeiro Antecessor Nosso, São Pedro (.I Peti. III, 13 Is., LXV, 22; Apoc. XXI,1). Enquanto as promessas dos falsos profétas desta terra dão em sangue e lagrimas, resplandece de celstial beleza a grande profecia apocalitica do Redentor do mundo: 'Eis que eu renovo todas as cousas" (Apoc., XXI,5). Só nos resta. Veneraveis Irmãos, erguer as mãos paternas, e fazer descer sobre Vós, sobre o vosso clero e povo, sobre toda a grande Familia Católica, a Benção Apostolica.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, na festa de São José, Patrono da Igreja Universal, aos 19 de Março de 1937, em o ano XVI do Nosso Pontificado.

Papa Pius XI.



INDICE

PEDAGOGIA

TRATADO DE PEDAGOGIA — para as Escolas Normais — pelo Mons. **Pedro Anisio,** em 3.ª edição. E' o primeiro tratado de Pedagogia que se publica no Brasil com orientação católica. Perfeitamente de acôrdo com o programa. **Br.**.... 10$000

Idem. **Cart.**.................................... 12$000

COMPENDIO DE PEDOLOGIA E PEDAGOGIA EXPERIMENTAL — pelo Mons. **Pedro Anisio** que é douto prof. da materia. **Cart.**.......... 8$000

MORAL CRISTÃ E EDUCAÇÃO — pela prof. **D. Laura Jacobina Lacombe.** Destina-se a alunos. (Vol. 1.ª série A B C Pedagogia). **Br.**.. 5$000

ESTUDOS DE LINGUAGEM — pela prof. **Zulmira Queiroz Breiner,** 2.ª edição. Fruto de experiencia e observação cuidadosa. Linguagem simples. Obra já largamente difundida. **Br.**........... 6$000

REFORMA DO ENSINO — Subsidios para a — pelo Pe. **Arlindo Vieira, S. J.** Estudo sério sôbre o nosso ensino superior sob todos os aspectos, de interesse geral para os professores de todo o Brasil. **Br.**...................... 10$000

AÇÃO SOCIAL

A DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA — pelo Pe. **G. C. Ruten,** Mestre em teologia. Disse um teologo eminente que este livro é quasi um Evangelho. Trad. fiel com um prefacio do Exmo. Sr. Ministro do Trabalho, Dr. Agamenon Magalhães — Edição quasi esgotada. **Br.**.............. 7$000

Idem. **Enc.**.................................... 10$000

DO GOVERNO DOS PRINCIPES AO REI DE CIPRO E DO GOVERNO DOS JUDEUS A' DUQUEZA DE BRABANTE — **São Tomás de Aquino** — Trad. de Arlindo Veiga dos Santos. E' um livro que se prende ao momento atual. **Br.**.. 5$000

OS CATOLICOS E A QUESTÃO SOCIAL — pelo Pe. **Robinot Marcy, S. J.** Tradução feita sob os auspicios da Confederação Nacional dos Operarios Católicos. E' um livro que interessa a todos os que estudam a atual questão social. **Br.** 5$000

INTEGRALISMO E CATOLICISMO — por **Gustavo Barroso.** A Doutrina integralista posta em

confronto com a doutrina da igreja, ministrada nos documentos pontificios. E' de interesse geral. **Br.** 10$000

COMUNISMO — CRISTIANISMO E CORPORATIVISMO — **Gustavo Barroso** — Livro de orientação e critica. Doutrina e observa o mundo em seus aspetos varios. **Br.**.................... 5$000

O DIVORCIO — pelo Pe. **Leonel Franca S. J.** em 3.ª, 4.ª e 5.ª edição simultanea. O problema do divorcio, encarado em seu aspecto juridico social. Documentação abundante e uma resposta ao Sr. Menotti del Picchia **Broch**.................. 12$000

Idem. **Enc**.................................. 20$000

PROTESTANTISMO NO BRASIL — Padre **Leonel Franca S. J.** — Resposta a dois pastores protestantes. **Broch**............................ 12$000

COLONIZAÇÃO PENAL DA SELVA BRASILEIRA — pelo Dr. **Barreto Campelo.** Interessante tese sobre o aproveitamento de nossas selvas pelas colônias penitenciarias. **Br.**..................... 7$000

COLEÇÃO "CRISTO REDENTOR"

A GRAÇA, pelo Pe. **Julio Maria, C. SS. R.** — Vol. **Broch**.. 4$000

APOSTROFES, pelo Pe. **Julio Maria, C. SS. R.** — Vol. **Broch**.................................. 4$000

VIRTUDES, pelo Pe. **Julio Maria, C. SS. R.** — Vol. **Broch**.. 3$000

ESPIRITO E VIDA. (As sete palavras de N. S. Jesus Cristo), pelo Pe. **J. Cabral.** Vol. **Broch**....... 3$000

VIDA DE INTIMIDADE COM A VIRGEM MARIA (seus principios teologicos), pelo Rev. Pe. **Julio Maria,** Missionario de N. S. do SS. Sacramento. Vol. **Broch**........................ (no prelo)

PARA NOSSAS FILHAS (Romances)

DIVA, por **José de Alencar.** Um bom romance, a preço insignificante. — Vol. **Broch**............ 2$000

AS PUPILAS DO SR. REITOR, por **Julio Diniz** — Romance que não precisa de apresentação — — Vol. **Broch**.. 5$000

O ARREPENDIDO, por **Vitor Féli,** tradução de

J. S. M. Uma vida de abnegação e generosidade, um amor sincero — **Vol. Broch**................ 3$000

O SILENCIO DO AMOR, por **Belcayere** e **Angel Flory**, tradução. — **Vol. Broch**.............. (no prelo)

SERIE RECREATIVA PARA ESCOLARES

HISTORIA DA TERRA E DA HUMANIDADE, pelo Dr. **Jorge de Lima**. A historia do mundo, contada com competencia e sem espirito de prevenção. Narração atraente. — **Vol. ilustrado e cartonado** .... 10$000

BIBLIOTECA DE AÇÃO CATOLICA

I — PELA AÇÃO CATOLICA, pelo Dr. **Alceu Amoroso Lima** (Tristão de Ataide). Documentos para a história religiosa do Brasil. O debate da Ação Católica, as primeiras lutas. **Vol. broch**.......................... 8$000

II — MANUAL DE AÇÃO CATOLICA primeira parte, por **Civardi**, tradução de Henrique Serpa Pinto. Livro que o "Osservatore Romano" julgou o mais completo manual de Ação Católica. — **Vol. broch**............. 5$000

III — PROGRAMA DE AÇÃO CATOLICA, pelo Pe. **Castro Nery**. (2.ª edição) A Ação Católica e varias passagens do Evangelho — **Vol. broch**.............................. 5$000

IV — AÇÃO CATOLICA, pelo Pe. **J. B. Portocarrero Costa**. Excelente volume, de cunho notavelmente pratico e adaptado ao meio brasileiro. Graficos demonstrativos. — **Vol. broch.** de 406 pags...................... 10$000

V — AÇÃO CATOLICA, pelo Pe. **Paul Dabin, S. J.** (Versão autorizada)............... (no prelo)

VI — MANUAL DE AÇÃO CATOLICA, Segunda parte, por **Civardi**, tradução de Henrique Serpa Pinto. **Broch**....................... 5$000

VII— O APOSTOLADO LEIGO, pelo Pe. **Paul Dabin, S. J.** (Versão autorizada). Documentada exposição dos ensinamentos filosoficos, pontificios, etc., sobre a ação dos leigos na religião. **Br**....................................... 8$000

VIII — MANUAL DE AÇÃO CATOLICA, terceira parte, por Mons. **Luigi Civardi**, tradução de Henrique Serpa Pinto .... (no prelo)

IX — A SERVIÇO DA FE', pelo Dr. **Alceu Amoroso Lima**. Mais um volume do incansavel batalhador............................(em preparo)

AÇÃO CATOLICA E JOCISMO — Padre **Carlos Ortis** — Organisação da Juventude operaria católica, indispensavel aos dirigentes e militantes da Ação Catolica em geral. **Br.** .... **4$000**

CATECISMO DE AÇÃO CATOLICA — **Mons. R. Fontenelle.** — Alem do catecismo, acompanha o Estatuto da Ação Catolica Brasileir.a **Br.** ..... **1$000**

DIVERSOS

CASAMENTO E FECUNDIDADE, **Pierre L'Homme**, tradução autorizada de Soares de Azevedo. Muito pouca gente conhecerá, talvez, a doutrina da Igreja, em materia de restrição de natalidade. E' justa a aplicação da doutrina de Ogino-Knaus-Smulders? A Leitura para casados **Vol. broch.** **4$000**

ACHIETA, por **Jorge de Lima**. Assunto interessante, pois fala de nosso maior apostolo, e tratado em estilo simples, como é o de **Jorge de Lima. Broch.** .... **8$000**

DA RAZÃO PARA A FE' — Padre **Salvador Tommasini** — O autor, servindo-se primeiramente de argumentos naturais, passa depois do campo natural da Razão para os dominios da Fé,onde tudo é certeza e infalibilidade. **Br.** .... **7$000**

CASOS REAES A REGISTRAR — **A. Felicio dos Santos** — 2.ª edição. Este livro deve ser lido por todos os que procuram a verdade. **Br.** .... **6$000**

ALGUNS LIVROS DE

Gustavo Barroso

Movimento social e Campanha Politica

A SINAGOGA PAULISTA — em 3.ª edição . . . . . . 8$500

REFLEXÕES DE UM BO'DE — em 2.ª edição . . . . . . 6$000

HISTORIA SECRETA DO BRASIL — primeira parte — 2.ª edição . . . . 10$000

HISTORIA SECRETA DO BRASIL — segunda parte . 12$000

BRASIL COLONIA DE BANQUEIRO — em 7.ª edição . . 6$000

JUDAISMO, MAÇONARIA E COMUNISMO . . . . . . 6$000



EM TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO GRAFICO "APOLLO" — 38, MISERICORDIA, 38